

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de História - Bacharelado



Trabalho de Conclusão de Curso

**Alimentação e estilo de vida (proto)veg(etari)ano,
a partir de padrões gaúchos.**

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C823a Corrêa, Martina dos Santos

Alimentação e estilo de vida (proto)veg(etari)ano, a partir de padrões gaúchos. / Martina dos Santos Corrêa ; Lorena Almeida Gill, orientadora. — Pelotas, 2021.

58 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Vegetarianismo. 2. Veganismo. 3. Rio Grande do Sul. 4. Pelotas/RS. 5. História do tempo presente. I. Gill, Lorena Almeida, orient. II. Título.

CDD : 613.262

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dedico este trabalho a todos os animais já mortos e explorados, bem como àqueles que infelizmente ainda serão, pela ganância humana.

Agradecimentos

À minha mãe, que me trouxe à vida e sem ela nada seria possível.

Às minhas irmãs, pois elas são meus maiores alicerces para continuar.

Às minhas tias e tios tão amadas/os, que me apoiaram e me ofereceram palavras de conforto em momentos difíceis.

Ao meu namorado que, sempre me apoia mas, me apoiou de forma intensa nos últimos dias de escrita deste trabalho.

Às/aos colegas de trabalho, que me deram total apoio em momentos de extrema tensão e desânimo.

À mim mesma, por não ter desistido em momento algum.

Às minhas/meus professoras/es da graduação, as(os) quais tive o imenso prazer de ser contemplada com seus conhecimentos.

À minha professora orientadora, que me ofereceu ajuda e muita paciência no desenvolvimento deste estudo e à banca de defesa, que tenho grande apreço e admiração.

Por fim, mas nem de perto menos importante, à educação pública e de qualidade que eu tive o privilégio de poder usufruir desde o ensino pré-escolar, até a graduação.

Obrigada.

Se o homem mata as raças inferiores para ter comida ou por esporte, ele estará disposto a matar a sua própria raça por hostilidade. Não é esse banho de sangue ou aquele banho de sangue, que precisa parar, mas todos os banhos de sangue sem necessidade - toda imposição gratuita de dor ou morte aos nossos semelhantes.

(ADAMS, 2018, p. 189 apud SALT, 1977, p. 84)

RESUMO

O presente estudo vincula-se à história do tempo presente, ao levantar dados e buscar padrões de consumo, de acordo com a literatura disponível referente ao tema vegetarianismo e veganismo no Rio Grande do Sul. A ideia é perceber de que forma esta padronização ocorre (ou não) no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, o qual é conhecido também por sua forte cultura no consumo de carnes, especialmente a de gado. Para o levantamento de dados, foi realizada uma pesquisa, que envolveu 141 pessoas, as quais responderam questões quanti-qualitativas, através de um formulário *on-line*, precedido da leitura de textos científicos disponibilizados pelas bibliotecas digitais de faculdades e órgãos científicos, além de sites e documentos disponibilizados por algumas associações vegetarianas, especialistas no assunto que divulgam diversos documentos complementares para este estudo. Como principais resultados obtidos, evidenciam-se a concordância com alguns estudos, os quais serão abordados, referentes à maior adesão feminina a este estilo de alimentação/vida, bem como o vínculo deste tipo de alimentação/estilo de vida por pessoas mais jovens, neste estudo, na faixa entre 19-29 anos. No estado do Rio Grande do Sul os padrões, evidenciados por autoras/es que serão abordados na sequência, se repetem, ao menos nesta pesquisa, e que de fato existem repetições e preferências, sejam elas de gênero e idade, bem como há rupturas nesses padrões, como veremos para o caso da renda familiar.

Palavras-chave: Vegetarianismo. Veganismo. Rio Grande do Sul. Pelotas. História do tempo presente.

ABSTRACT

This study is linked to the history of the present time by collecting data and seeking consumption patterns, according to the available literature on the topic of vegetarianism and veganism in Rio Grande do Sul. The idea is to understand how this standardization occurs (or not) in the Brazilian state of Rio Grande do Sul, which is also known for its strong meat consumption culture, especially cattle. For data collection, a survey was done, involving 141 people, who answered quanti-qualitative questions, through an online form, preceded by a research through scientific sources, made available by the digital libraries of colleges and scientific bodies, as well as websites and documents made available by some vegetarian associations, specialists in the subject and that make available several complementary documents for this study. The main results obtained are in agreement with some studies, which will be addressed, referring to greater female adherence to this style of alimentation/life, as well as the link of this type of food/lifestyle by younger people, in this study, between 19-29 years old. In the state of Rio Grande do Sul the patterns, evidenced by authors who will be discussed below, are repeated, at least in this research, and that in fact there are repetitions and preferences, whether of gender and age, as well as there are breaks in these patterns, as we will see in the case of family income. **Keywords:** Vegetarianism. Veganism. Gauchos. Rio Grande do Sul. History of the present time.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1	Cresce o número de vegetarianos no Brasil.	21
Imagem 2	Dados obtidos sobre dieta/estilo de vida atual geral.	23
Imagem 3	Dados obtidos sobre dieta/estilo de vida atual gaúchas/os.	26
Imagem 4	Dados obtidos sobre gênero.	27
Imagem 5	Dados obtidos sobre idade.	30
Imagem 6	Dados obtidos sobre profissão.	31
Imagem 7	Dados obtidos sobre estado civil.	32
Imagem 8	Dados obtidos sobre a/o cônjuge ser (proto)veg(etari)ana/o ou não.	32
Imagem 9	Dados obtidos sobre filhos.	33
Imagem 10	Dados obtidos sobre estilo de alimentação/vida da(s)/o(s) filha(s)/o(s).	34
Imagem 11	Dados obtidos sobre escolaridade.	35
Imagem 12	Dados obtidos sobre renda familiar.	36
Imagem 13	Dados obtidos sobre religião.	38
Imagem 14	Dados obtidos sobre tempo de adoção do atual estilo de alimentação/vida.	39
Imagem 15	Dados obtidos sobre o desejo de protovegetarianas/os transicionarem para o vegetarianismo estrito.	39
Imagem 16	Dados obtidos sobre o desejo de vegetarianas/os estritas/os transicionarem para o veganismo.	40
Imagem 17	Dados obtidos sobre atualmente estar (ou não) em processo de transição.	41
Imagem 18	Dados obtidos sobre a maneira que a transição para a dieta/estilo de vida atual foi/está sendo.	42
Imagem 19	Dados obtidos sobre recaídas e a frequência das mesmas.	43
Imagem 20	Dados obtidos sobre a quantidade de motivos decisórios para a mudança no estilo de alimentação/vida.	45
Imagem 21	Dados obtidos sobre o(s) principal(ais) motivo(s) decisório(s) para a mudança no estilo de alimentação/vida.	46
Imagem 22	Dados obtidos sobre a dificuldade (ainda) enfrentada na permanência do atual estilo de alimentação/vida.	46
Imagem 23	Dados obtidos sobre a atual pandemia da Covid-19 e o impacto na vida das/os (proto)veg(etari)anas/os.	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DESENVOLVIMENTO	14
2.1 Os primórdios do vegetarianismo	14
2.2 O vegetarianismo no Brasil e no Rio Grande do Sul	19
3 A pesquisa	22
3.1 Para fins de informação	22
3.2 O método	22
3.3 Os participantes	23
3.4 O questionário	24
4 Resultados da pesquisa	25
4.1 Definição de dieta/estilo de vida	26
4.2 Gênero, idade e profissão	27
4.3 Estado civil, filhos e as dietas/estilos de vida destes	31
4.4 Escolaridade, renda familiar e religião	34
4.5 Há quanto tempo adotou o estilo de alimentação/vida	38
4.6 Transição e recaídas	39
4.7 Motivos e dificuldades	44
4.8 (proto)Veg(etari)anismo e o Covid-19	47
5 O futuro do (proto)veg(etari)anismo	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado quase de forma simultânea com a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2021 (COP26), que ocorre entre os dias 31 de outubro e 12 de novembro de 2021, na cidade de Glasgow, na Escócia. O objetivo principal desta conferência é uma coalizão entre os mais de 200 países participantes em relação a aspectos ambientais, principalmente o aumento da temperatura mundial que está ocorrendo sobretudo graças ao efeito estufa. Através desta reunião, diversos compromissos de redução de emissão de gases (entre outros pontos) serão firmados.

Dentre os principais motivos do efeito estufa, de forma simplificada, estão as altas emissões de gases como dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄), dentre outros os quais possuem facilidade em reter o calor. Esta alta temperatura, ao tentar “retornar ao espaço” encontra uma barreira de gases em excesso e não consegue ultrapassá-la. Desta forma, as temperaturas “interiores” do planeta terra (simulando que a barreira atmosférica é uma “parede”) se elevam cada vez mais, causando graves consequências ecológicas em grande escala.

Estes resultados só acontecem por conta de outros motivos, um pouco mais palpáveis, que, em suma, são os gases liberados pelas grandes indústrias como um todo, dos mais diversos setores, e os automotores, em especial nas grandes metrópoles. Ainda, uma grande preocupação vincula-se às indústrias das carnes em relação aos gases metano, liberados, principalmente mas não somente, pelo gado e pelas aves devido à fermentação entérica produzida no processo digestivo; o desmatamento que ocorre para a abertura de campos para o crescimento da produção desses e outros animais e/ou plantação da monocultura de soja, a qual em sua grande maioria é direcionada para a alimentação dos animais que estão na esteira da indústria. Ou seja, podemos relacionar o grave processo de efeito estufa que estamos sofrendo atualmente (e que provavelmente as (ou ao menos a) próximas gerações também vão sofrer), principalmente com o consumo de carnes¹,

¹ PLANELLES, Manuel. **A culpa pela mudança climática não é das vacas, é das pessoas.** Jornal El País, Madri, 09 ago 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/ciencia/1565285624_326508.html. Acesso em: 20 dez 2021.

²), mas também o consumo de leites³, ovos⁴, couros, peles, ossos e demais ingredientes de origem animal, os quais são utilizados nos mais diversos setores da indústria, essencialmente na alimentícia.

Desta forma, foi escolhido o tema sobre vegetarianismo e veganismo na busca de padrões atuais, para contribuir, mesmo que de forma tímida, com estudos da área, para que os dados aqui coletados possam servir de fonte para pesquisas futuras.

Três motivações principais fizeram com que se desse a escolha do tema: o aquecimento global; o aumento gradativo de pessoas que aderem a dietas sem carnes ou estilos de vida sem nenhum produto de origem animal, bem como a falta de estudos, no campo da História, para a compreensão deste movimento, essencialmente no estado gaúcho.

Para a escrita do trabalho tem-se a hipótese de que há uma maior adesão deste tipo de dieta e estilo de vida por parte de pessoas mais novas, visto que, na maioria dos casos, há uma maior facilidade e interesse por parte destes em buscar informações de diferentes fontes de forma online. Além disso, é possível que as pessoas com idades mais baixas consumam informações de forma mais rápida, bem como podem estar mais abertas para vivenciar novas experiências, quando comparadas com pessoas com idades mais avançadas. Além deste grupo, há a hipótese de uma maior adesão por parte de mulheres, já que a carne, especialmente a vermelha, costuma ser associada à virilidade, como Adams (2018) explica em seu livro “A política sexual da carne: Uma teoria feminista-vegetariana”, o qual se irá discutir no decorrer do trabalho.

O objetivo geral do trabalho se refere, como já dito anteriormente, à compreensão dos padrões de consumo de pessoas vegetarianas (abarcando ovo/lacto vegetarianas, vegetarianas estritas e outros) e veganas que residem ou são naturais do estado do Rio Grande do Sul. Através deste foco principal, busca-se

² PASSARINHO, Nathalia. **Como a carne virou ‘vilã’ em mudança climática e entrou na mira da COP26.** BBC News Brasil, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59201457>. Acesso em: 20 dez. 2021.

³ MOSKIN, Julia *et al.* **Como comprar, cozinhar e comer em um mundo em aquecimento.** Climainfo, 2019?. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2019/05/08/alimentacao-dieta-e-clima/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁴ ANDA. **Indústria de ovos é uma das principais geradoras de gases de efeito estufa, diz estudo.** Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA), 18 abr. 2018. Disponível em: <https://anda.jor.br/2018/04/18/industria-de-ovos-e-uma-das-principais-geradoras-de-gases-de-efeito-e-estufa-diz-estudo/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

compreender de que maneira as hipóteses levantadas atuam no contexto real, obtido através de uma pesquisa quali-quantitativa *online*, bem como analisar dados em relação ao contexto atual deste grupo populacional, interligando com os acontecimentos atuais em escala mundial, sejam eles a crescente produção por produtos vegetais pelas indústrias, seja a crescente preocupação em relação ao meio-ambiente, tanto de maneira individual, quanto de maneira coletiva, dentre outros tópicos.

Através deste estudo será possível pensar sobre a temática, bem como construir uma fonte para que outras/os pesquisadoras/es possam complementá-la através de pesquisas futuras relacionadas ao estilo de alimentação/vida vegetariano ou vegano.

Os textos utilizados como base para a elaboração do formulário Google foram o intitulado “Níveis de Concordância com Regras Descritivas sobre Comportamentos Alimentares entre Veg(etari)anos”, de Carvalho e Moreira (2020) e “The unified model of vegetarian identity: A conceptual framework for understanding plant-based food choices”, de Burrow e Rosenfeld (2017). Através destas leituras, foi possível elaborar o formulário Google e construir um panorama geral do assunto.

O foco inicial do trabalho será compreender de forma breve como este tipo de dieta e estilo de vida ocorre, como já dito anteriormente, no Rio Grande do Sul, estado brasileiro conhecido por sua forte cultura de consumo de proteína animal. Em um segundo momento serão abordados os dados de uma pesquisa quantitativa, que abarcou 141 pessoas.

Através das respostas é possível disponibilizar dados regionais, visto que a maior parte dos respondentes foram deste estado brasileiro. O formulário também possibilitou a construção de pequenas narrativas, a partir de respostas redigidas pelos respondentes, de forma aberta, com limites de caracteres. Para a conclusão, iremos revisitar as principais informações coletadas; quais as lacunas que podem ser preenchidas com pesquisas futuras na área e as considerações finais sobre o tema.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Os primórdios do vegetarianismo

Há uma crescente busca pela exclusão ou diminuição no consumo de carnes (sejam elas bovinas, ovinas, suínas, aves, peixes, dentre outras) no mundo ocidental (CASTRO, 2018 *apud* AMATO & PARTRIDGE, 1989), de forma voluntária, pelos mais diversos motivos (como preocupação ambiental, cuidado com os animais, razões religiosas, pela própria saúde, dentre outros, como se verá a seguir) e, também, um crescente debate nas mais diversas áreas, “[...] seja entre discursos mais técnicos, entre profissionais de saúde, médicos e nutricionistas; entre economistas e ecologistas; seja no mundo acadêmico mais restrito, teórico e reflexivo [...]” (DIAS, 2012), o que faz com que surja a dúvida: onde e quando surgiu o vegetarianismo?

De acordo com Cavalheiro, Verdu & Amarante (2018 *apud* Eaton & Konnet, 1985; Gordon, 1987), existem evidências sobre a possível origem da dieta vegetariana, ou ao menos os seus primeiros resquícios, junto aos homínídeos *Homo Erectus* e, em seguida, *Homo Sapiens*, os quais seguiam uma dieta de aproximadamente 50% à base de vegetais, visto que a obtenção de alimentos se dava primordialmente a partir de caça e coleta. Teles, Belo e Silva (2017) vão ainda mais além, e, segundo estes autores, os primatas *Sahelanthropus Tchadensis* e *Orrorin Tugenensis* (datados de 7 e 6 milhões de anos A.P, segundo Neves, 2006) consumiam muitos vegetais. Ocorre que estavam em processo de transição de vivência das árvores (logo possuíam membros superiores maiores que os inferiores) para o solo, e, portanto, buscavam fontes fáceis de alimentação em seu habitat de florestas tropicais e equatoriais, locais onde as plantas comestíveis eram abundantes, logo, se supõe que os primatas tinham, por conveniência, uma dieta mais vegetariana.

Segundo Harari (2016), a domesticação do fogo, há cerca de 800 mil anos, trouxe uma grande fonte de facilidades como calor, luz, arma contra inimigos, (de maneira controlada para) queima da pastagem (permitindo assim o trânsito, plantio, coleta de plantas após o fogo apagado), mas uma das principais características desta domesticação, de fato ocorreu em relação ao ato de cozinhar, aumentando assim a diversificação de alimentos (tanto vegetais, quanto animais) e matando

possíveis germes e parasitas que no alimento poderiam estar presentes. Com esta facilitação gerada através do advento do fogo, quando comparados aos chimpanzés, os dentes menores e o intestino mais curto, deram espaço ao cérebro maior (visto que “[...] tanto um intestino longo quanto um cérebro grande consomem muita energia, [portanto] é difícil ter os dois ao mesmo tempo.” HARARI, 2016. p.21) dos neandertais e sapiens. Gomes (1997, p. 1) cita ainda que

A agricultura vai alterar marcadamente os padrões nutricionais humanos: ao longo de alguns milénios, o consumo de carne diminui drasticamente e os alimentos vegetais passam a contribuir com aproximadamente 90% do total alimentar.

No Egito antigo, assim como na Idade Média, as carnes, principalmente de bovinos e aves, eram pertencentes aos pratos dos mais abastados (no Egito, com exceção do peixe, visto que era possível pescar no rio Nilo): “Normalmente, a maioria da população se alimentava de pão, cebola e peixe. Como complemento, saladas, grão-de-bico, ervilha e lentilha. Como frutas, figos frescos e secos, tâmara e uva.” (MELLA, 1981. p. 86.). Além destas questões, alguns grupos religiosos egípcios entendiam que a abstinência de carnes gerava no corpo humano um poder kármico, facilitando assim a reencarnação (Associação Vegetariana Portuguesa, 2013)⁵. No período da Idade Média, a dieta livre de carnes animais obteve uma maior adesão, porém, de forma não voluntária, como dito anteriormente, visto que, apesar de muitos padres e crentes como um todo entenderem a abstenção de consumo de carnes como autocontrole de tentações ou um auto flagelo, com uma dieta pobre em nutrientes, respectivamente (Associação Vegetariana Portuguesa, 2013)⁵, a maior parte da população, ou seja, a população pobre, não possuía o poder econômico de consumir este tipo de alimento.

No mundo oriental, o vegetarianismo teve uma maior adesão, desta vez voluntária, principalmente nos países adeptos ao hinduísmo, budismo e outras crenças que não realizam o consumo de carnes. Segundo a Associação Vegetariana Portuguesa⁵ (2013 *apud* BERRY, 2003):

⁵ASSOCIAÇÃO VEGETARIANA PORTUGUESA. **O vegetarianismo ao longo da história da humanidade** (site). 2013. Disponível em: <https://www.avp.org.pt/o-vegetarianismo-ao-longo-da-historia-da-humanidade/>. Acesso em: 06 nov. 2021.

Gishi-wajin-den, um livro de história da época, escrito na China, relata que no Japão não existiam vacas, cavalos, tigres ou cabras e que os povos viviam das plantações de arroz, do peixe e dos crustáceos que apanhavam. [...] Lao Tzu (c. 500 a.C), autor do Tao Te Ching e fundador histórico do Taoísmo, a religião mais antiga da China, foi também vegetariano, e os monges taoistas ainda seguem um regime vegetariano.

Já na Grécia antiga, Dias (2012) sugere que Pitágoras, hoje conhecido como o pai da dieta vegetariana, foi de fato um dos primeiros transmissores e defensores ocidentais do vegetarianismo (apesar de este ser um termo anacrônico), sendo que antes do termo “vegetarianismo” ser adotado (o qual só ocorreu em 1847, com a fundação da Sociedade Vegetariana Britânica, segundo Braga, 2021), quem seguia este tipo de dieta era chamado de “pitagórico” ou que seguia uma dieta “pitagórica” (DIAS, 2012. p. 88). Porém, a autora ainda cita que Porfírio de Tiro ([...] filósofo neo-platônico pagão da segunda metade do séc. III, também defensor do vegetarianismo)⁶, apesar de considerar Pitágoras uma pessoa de ser admirada, o criticava por vezes, pela não abstenção total do consumo de proteína animal (Dias, 2012, p. 86)

Como alimento, começava o dia com mel. Ao jantar, comia pão de milhete, cevada ou ervas, cruas e cozidas. Só raramente comia carne das vítimas; e nem todas as partes do animal eram aceitas. Quando permanecia nos santuários das divindades, só comia o necessário para acalmar a fome e a sede. Para sossegar o apetite, comia sementes de ervilha. Contra a sede, tomava o miolo do pepino, e sumo de uvas, extraíndo as sementes, flores de coentro, sementes de malva. (35) dizia ele que esta dieta tinha sido ensinada a Hércules por Deméter, quando foi enviado para os desertos da Líbia; Assim conservava o seu corpo numa condição permanente, nem ora saudável, ora doente, nem ora gordo, nem ora magro. Assim, ele não estava mais inclinado ao prazer, nem derrubado pela dor, e nunca ninguém o viu exaltante ou lamentoso. Quando Pitágoras sacrificava aos deuses, não usava uma profusão ofensiva (‘i.e sangue’) mas só oferecia pão de cevada, bolos e mirra; tudo menos animais, a não ser, talvez, galos e porcos. Quando descobriu o teorema de que o quadrado da hipotenusa de um triângulo reto era igual aos quadrados dos lados que formavam o ângulo reto, diz-se que sacrificou um boi. Mas o mais certo é que esse boi fosse feito de farinha.

Avançando na linha do tempo, em meados do século XVIII, juntamente com o movimento iluminista, Rousseau, filósofo que seguia uma dieta (proto)vegetariana⁷ (incluindo, portanto, o leite animal, considerado vegetal pelo filósofo), logo não consumia carnes de nenhuma espécie, teve como companheiros de adoção da dieta sem carnes diversos médicos, cristãos, filósofos e poetas, e a partir de então,

⁶ DIAS, 2012. P. 89.

⁷ ARCO JÚNIOR, 2019. P. 264.

juntamente com a adoção da alimentação baseada em plantas pelas religiões, principalmente orientais, que o vegetarianismo (conhecida até então como dieta pitagórica) começou a possuir mais visibilidade, adeptos e embasamento científico, seja por questões de saúde, religiosas, empatia ou mesmo espirituais.

No século XX, já com diversas associações vegetarianas instaladas em alguns países como Estados Unidos (1850), Inglaterra (1888) e Países Baixos (1894) (Associação Vegetariana Portuguesa, 2013), foi inaugurada em Portugal, em 1911, a Sociedade Vegetariana de Portugal, sendo essa uma importante fonte de estudos sobre o tema vegetarianismo, pois mensalmente era lançado o periódico “O Vegetariano” (1909-1935, de acordo com Braga, 2017), o qual continha dicas e estudos dos mais variados autores da época. Na segunda guerra mundial, a escassez de alimentos deu lugar para uma dieta vegetariana, mesmo que de forma não voluntária, mas apesar disso, durante na Alemanha nazista, a Associação Vegetariana Alemã⁸ ou *Deutcher Vegetariar-Bund* foi obrigada a se diluir em 1935, e outros grupos que, em tentativas falhas de permanecerem ativos, acabaram encerrando as atividades entre 1941-42. Porém, com a derrotas do líder nazista, retornaram à ativa (Associação Vegetariana Portuguesa, 2013 *apud* International Vegetarian Union [s.d.]). No decorrer do século XX, de forma lenta e gradual, a quantidade de vegetarianos (e veganos, a partir de 1944 segundo Davis, 2016) aumentava cada vez mais, e em 1975 Peter Singer, grande nome do ativismo vegetariano e vegano, lançou o livro *Libertação Animal*, trazendo o debate com ainda mais força à nível mundial. Cinco anos depois a organização sem fins lucrativos *People for the Ethical Treatment of Animals* (PeTA) ou pessoas pelo tratamento ético dos animais⁹, foi fundada, com o objetivo de “[...] estabelecer e defender os direitos de todos os animais [...] opera[ndo] sob o simples princípio de que os animais não são nossos para experimentar, comer, usar, usar para entretenimento ou abusar de qualquer outra forma¹⁰. PETA, c2021).

Com o avanço dos estudos no final do século XX, aliado ao consumo cada vez mais frequente e ágil de informações disponibilizadas na internet, o veg(etari)anismo possuía cada vez mais embasamento teórico (principalmente

⁸Tradução livre da autora.

⁹Tradução livre da autora.

¹⁰Tradução livre da autora. Original: “[...] establishing and defending the rights of all animals [...] opera[ting] under the simple principle that animals are not ours to experiment on, eat, wear, use for entertainment, or abuse in any other way.

nutricional e ecológico), sendo assim a indústria vem crescendo cada vez mais no que diz respeito a produtos sem carnes (como exemplo burgers vegetais, nuggets, dentre outros), produtos sem nenhum ingrediente de origem animal (como é o caso dos leites e ovos vegetais, corantes artificiais os quais substituem a cochonilha e o carmim, -tipos de insetos pulgões que atuam como principais corantes naturais de tom vermelho utilizados pela indústria, que, ao triturados, liberam o tom avermelhado- melado de cana ou calda de agave, como substitutos do mel, dentre outros) e produtos sem testes e exploração animal, como é o caso de algumas marcas dos mais variados segmentos (produtos de limpeza, vestuário, maquiagens, pincéis, alimentação, entretenimento, dentre outros). Neste último (produtos sem testes e exploração animal) há um grande debate no meio vegano: é possível que, por exemplo, uma multinacional, a qual possui produtos com testes em animais, venda produtos, sem ingredientes animais e que não seja testado nos mesmos, nomeados de veganos? Haverá, claro, um aumento de vendas nestes produtos, porém, não é possível afirmar que o valor pago não está, de certa forma, financiando outros produtos que possuam ingredientes de origem animal e/ou realizam testes nestes.

Apesar de, em um primeiro momento, a oferta de produtos sem carne ou sem nenhum ingrediente de origem animal (ou até mesmo sem exploração) seja uma ótima escolha, talvez seja necessário refletir o real intuito que a indústria, essencialmente as grandes marcas, deseja com a disponibilização destes produtos. Em um mundo majoritariamente capitalista, o foco destas marcas, em suma, é o lucro sobre determinados produtos. Com o aumento de buscas por produtos mais naturais e sem carnes ou outros tipos de exploração, há esse entusiasmo da indústria em ofertar produtos com uma perspectiva mais “verde” ou “eco”, nomenclatura que tem sido adotada pelas marcas. Como diz a ativista Sandra Guimarães, em uma fala trazida por Julio Cesar Prava¹¹:

Enquanto sistema, o capitalismo têm um modus operandi que busca sempre o aumento de lucro, é provável que isso se torne este movimento apenas mais um nicho de mercado e esvazie seu propósito de transformação social, ou seja, apostar no capitalismo é reforçar um sistema que depende de exploração, desigualdade, mercantilização e consumismo, e que sempre

¹¹PRAVA, Julio Cesar. **A disputa ideológica pró-capitalismo e anti-capitalismo dentro do movimento vegano**: no embate ideológico se estabeleceu de vez no veganismo. Vegpedia, [S. l.], set. 2018. Disponível em: <https://vegpedia.com/textos-fundamentais/a-disputa-ideologica-pro-capitalismo-e-anti-capitalismo-dentro-do-movimento-vegano/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

teve papel crucial na manutenção da dominação, apesar de mudanças superficiais contrárias, desta forma é impossível chegarmos a Libertação Animal sem que o sistema econômico seja radicalmente mudado.

Uma das formas mais comuns da indústria buscar o interesse dos consumidores para seus produtos “verdes” e/ou “eco” é o chamado “greenwashing” (ou “lavagem verde”, em uma tradução literal), que diz respeito a marcas que teoricamente têm esse viés “verde” ou “eco”, mas que na realidade é apenas uma fachada. Seja com selos e certificados falsos, informações no rótulo que desviam a atenção do consumidor de problemas mais graves, dentre outros¹².

2.2 O vegetarianismo no Brasil e no Rio Grande do Sul

No Brasil, segundo os estudos de Cavalheiro, Verdu e Amarante (2018) a religião possuiu uma grande influência para a chegada do vegetarianismo no país, através das religiões Adventista do Sétimo Dia (1896) e do Budismo (1908), sendo que este último desembarcou nestas terras graças a vinda de imigrantes japoneses. Já em meados dos anos de 1970-80, ainda segundo o mesmo autor, a adoção do movimento punk traz à pauta um veg(etari)anismo como movimento cultural, indo de encontro das imposições mundiais capitalistas e, conseqüentemente, suas dinâmicas. Desde então, a pauta de alimentação vegetal (sendo a mais comum a protovegetariana, a qual inclui alguns alimentos animais como leites e/ou ovos) tem aumentado cada vez mais. Para que se tenha exemplos, em 2004 já havia no país congressos específicos para o debate sobre o assunto (MARTÍ, 2004, p. 14), e em 2008 uma passagem do Jornal do Brasil (RJ) assim revelou: “Anos atrás ser vegetariano era mais ou menos como ser um extra-terrestre. Hoje o vegetarianismo está na moda [e até] entrou no radar da gastronomia.” (BRAGA & RAMOS, 2008, p. 36). Neste mesmo ano, o mesmo periódico publicou uma matéria, (ROSA, 2008, p. E4) datada de 1º de junho, sobre o aumento no consumo de produtos veganos, ou seja, os quais não possuem nenhum produto de origem animal e que não realizam nenhum tipo de testes nestes. A reportagem conta ainda que os chamados “verdes radicais” são um dos 10 problemas que podem ameaçar uma marca/empresa:

Na pesquisa [realizada por Ernst & Young, s. d.], os verdes radicais e suas exigências socioambientais são ao mesmo tempo ameaça à fatura nas

¹²IDEC. **Mentira verde:** um guia para o consumidor não se deixar enganar pelas práticas de greenwashing das empresas. Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, [S. l.], c2021. Disponível em: <https://idec.org.br/greenwashing>. Acesso em: 21 dez. 2021.

vendas e demanda por mudanças estruturais em fórmulas e linhas de produção. Conforme a capacidade de cada empresa em se adequar às suas exigências, este cliente metódico deixa de ser risco para se tornar oportunidade de ampliar o negócio, como já perceberam inúmeras companhias que estão apostando na reformulação de seus produtos para ampliar o leque de consumidores.

Cinco anos mais tarde, o jornal Zero (2013, p. 15)¹³ citou uma pesquisa relacionada à quantidade de vegetarianos no país:

De acordo com os dados do Target Group Index, do IBOPE Media, no Brasil, 8% da população das principais cidades se declara vegetariana. Dentro desse grupo, jovens de 20 a 24 anos representam 7%. A porcentagem é maior entre as pessoas de 65 a 75 anos, em que o vegetarianismo é adotado por 10% da população desta faixa etária.”

Embora haja limitações em relação a se encontrar fontes que abordem este tema abarcando gaúchos(as) e as primeiras utilizações do termo, atualmente esta discussão está cada vez mais em pauta, sendo de fácil acesso informações em relação à média atual aproximada de pessoas vegetarianas (ovo-lacto vegetarianas, api-vegetarianas, vegetarianas estritas, entre outros), veganas e simpatizantes, estando o Rio Grande do Sul em 3º lugar por estados e Porto Alegre em 3º lugar por cidades brasileiras, ficando atrás de São Paulo e Rio de Janeiro em ambas as categorias, respectivamente. Enquanto isso, em relação às cidades, Pelotas aparece classificada em 37º lugar no ranking nacional com maior quantidade de pessoas autodeclaradas vegetarianas, veganas e outros, e em 4º lugar no ranking estadual.¹⁴

Apesar da fama do estado gaúcho de realizar churrascos, fazer lidas campeiras e ter um alto consumo de carnes, essencialmente a de rês, uma matéria publicada por Rosana Siqueira¹⁵ mostra que, segundo uma Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) entre os anos de 2017-2018, o estado brasileiro que mais consome carne é o Mato Grosso do Sul, com consumo por pessoa de 29,1kg de carne por ano.

¹³ DAMAZIO, Stefanie. **Jovens optam por não consumir carne:** entre as maiores dificuldades estão a baixa oferta de produtos e ter a sua decisão respeitada. Zero, Santa Catarina, dezembro de 2013, edição 07. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=895911&Pesq=vegetarianismo&pagfis=2322>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

¹⁴ Segundo Mapa Veg, mapa interativo que mostra estatísticas de cada estado Brasileiro, com possibilidade de visualização por cidade: <<https://www.mapaveg.com.br/censo/estatisticas#>>. Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁵ SIQUEIRA, Rosana. **Sul-matogrossense é o mais carnívoro do País com 29,1 kg de carne/ano.** Jornal Campo Grande News, [S. l.], 03 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/economia/sul-mato-grossense-e-o-mais-carnivoro-do-pais-com-29-1-kg-de-carne-ano>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Uma pesquisa realizada pelo Ibope no ano de 2018¹⁶, aponta que 14% da população brasileira se considera vegetariana, com aumento de 75%, ou seja, um número em torno de 30 milhões de brasileiros e brasileiras, quando comparado com o ano de 2012, de acordo com a Sociedade Vegetariana Brasileira (2018) (imagem 1). Uma segunda pesquisa, relacionada ao estado do Rio Grande do Sul e realizada pela Famecos (Escola de Comunicação, Artes e Design, PUCRS) no ano de 2020, a qual entrevistou 250 pessoas, visava analisar os costumes de comportamentos alimentares da população mais jovem, corroborando com a pesquisa realizada pelo Ibope (2018), citada anteriormente, e informando que quase 61% dos entrevistados, que na época possuíam entre 18 e 24 anos, citaram que “[...] o consumo de carne pela família [...] [e] o apego à culinária tradicional da região” são dois dos maiores empecilhos para a adesão do vegetarianismo. Apesar disso, os principais motivos para a adesão, ainda de acordo com a pesquisa da Famecos, é a preocupação com o meio ambiente, proteção aos animais e preocupação com a própria saúde, em ordem decrescente dos motivos apresentados.



Imagem 1: Cresce o número de vegetarianos no Brasil. Fonte: SVB, 2018.

¹⁶Pesquisa encomendada pela Sociedade Vegetariana Brasileira, realizada com 2002 voluntários: <https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

3 A pesquisa

3.1 Para fins de informação

Entende-se como onívoras, pessoas que consomem qualquer tipo de alimento e produto, incluindo os de origem animal como carnes, leites, ovos, couros e derivados; protovegetarianas, pessoas que não consomem carnes de nenhuma espécie, mas utilizam os demais produtos de origem animal como ovos e/ou leites, podendo também consumir mel, corante cochonilha, couros, dentre outros. O protovegetarianismo abarca uma das classificações de pessoas vegetarianas, também conhecidas como ovo lacto vegetarianas (ou apenas ovo vegetarianas, ou apenas lacto vegetarianas); vegetarianas estritas, pessoas que não consomem nenhum tipo de ingrediente alimentício animal como carnes, ovos, leites, mel, corante cochonilha, gordura animal, vitamina D3 de origem animal, dentre outros; veganas, pessoas que possuem uma dieta vegetariana estrita mas um estilo de vida diferente, pois evitam, na medida do possível, consumir quaisquer tipos de produtos (seja ele de limpeza, vestuário, bem estar, beleza, higiene, etc) que contenham exploração animal, como couros, lãs, marcas que testam em animais, que patrocinam rodeios, e assim por diante.

3.2 O método

Para a realização da pesquisa, foi adotada uma metodologia quanti-qualitativa, através de questionário on-line autoaplicável, com uso da plataforma *Google Forms*. As questões ficaram abertas para o público responder durante 22 dias (entre 12 de junho e 04 de julho de 2021), tempo necessário para o alcance de pelo menos 100 participantes vegetarianos (protovegetarianos, vegetarianos estritos, dentre outros), veganos ou outras vertentes que não consomem nenhum tipo de carne animal. O estudo poderia abranger outras dietas, como por exemplo pescetarianismo ou flexitarianismo (consome apenas carne de peixes e outros animais marinhos, e consome carnes e outros derivados animais três vezes ou menos por semana, respectivamente), porém nenhum dos participantes relatou seguir este tipo de dieta. Após esse período, se iniciou a tabulação dos dados e a análise das respostas coletadas, para caso fosse necessário, haver a possibilidade de utilização do *software* SPSS 22 e já na

sequência, foi dado o início da escrita do presente trabalho, o qual irá fornecer os resultados dos dados obtidos.

3.3 Os participantes

Foram obtidas ao total 141 respostas, das quais 67 (58,3%) se autodeclararam protovegetarianas, 36 (31,3%) se autodeclararam veganas e 4 (3,5%) se autodeclararam vegetarianas estritas. Um considerável número de respostas (26 ou 18,4%) foi descartada, pois eram referentes a pessoas que se autodeclararam onívoras, ou seja, fora do foco deste trabalho, sendo neste momento não tão relevante. Além destas respostas, houve ainda 8 (7%) que informaram estar em transição (imagem 2).

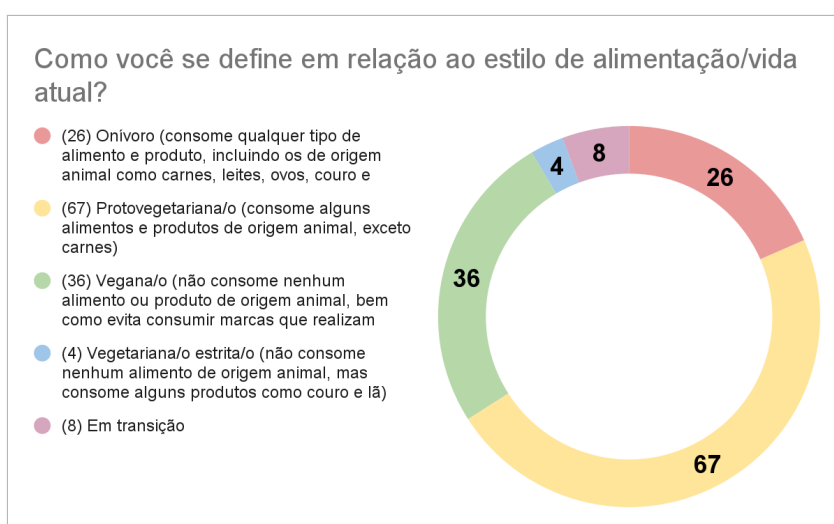


Imagem 2: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre dieta/estilo de vida atual geral.

As/os participantes responderam ao formulário de forma voluntária, e foram convidadas/os a partir de grupos em redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook* (este em grupos específicos de praticantes do (proto)vegetarianismo, veganismo e outros) e indicações de pessoas que já tinham respondido ou não. As mensagens de convite continham uma breve descrição do conteúdo e objetivos do questionário, seguido do link para acesso ao mesmo.

3.4 O questionário

O questionário contou com um total de cinco páginas e 38 perguntas, sendo 22 quantitativas, de escolha única, 15 qualitativas, ou seja, com espaço para as/os

respondentes redigirem as respostas com suas próprias palavras e uma quantitativa de múltipla escolha. A primeira página foi em relação a uma explicação sobre o questionário, contando sobre o objetivo do mesmo e as informações referente as diferenciações entre pessoas onívoras, protovegetarianas, vegetarianas estritas e veganas, sendo que estas diferenciações permaneceram disponíveis para acesso durante todo o questionário. Na segunda página, estavam dispostos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (seguindo os critérios éticos da resolução 510/2016, Brasil, 2016), declaração de responsabilidade da investigadora, e-mail para contato e as duas primeiras perguntas, sendo que a primeira era excludente em relação a pessoas que se autodeclararam onívoras. A terceira página contou com 11 questões socioeconômicas como gênero, idade, estado residente, profissão, estado civil, filhos, escolaridade, renda, religião e outros. A quarta página teve 10 perguntas voltadas para o objetivo principal, referente à dieta e estilo de vida adotado por essas pessoas. Algumas questões foram: há quanto tempo o estilo de alimentação/vida atual foi adotada, se a pessoa teria interesse em se tornar vegetariana estrita ou vegana futuramente, se atualmente ela estava em processo de transição, como foi/está sendo o processo de transição para a dieta atual, se já houve algum tipo de recaída, motivos para a decisão de mudança na alimentação/estilo de vida, dificuldade em permanecer com a alimentação/estilo de vida atual, se a pandemia da Covid-19 afetou o estilo de alimentação/vida de alguma forma, dentre outras questões. Nesta terceira página, todas as questões eram objetivas, ou seja, o respondente poderia selecionar apenas uma das respostas, com exceção de uma das questões, que havia a possibilidade de múltipla escolha. Além disso, após a grande maioria das questões, existia a possibilidade de a pessoa contar um pouco mais sobre a questão recém respondida, a partir do seu ponto de vista, porém, não eram respostas obrigatórias e, portanto, houve poucas narrativas. A quinta e última página contou com quatro questões, sendo três discursivas, ou seja, era necessário que a pessoa escrevesse de forma breve sobre o assunto, sendo que todas eram obrigatórias e tinham limite de caracteres (variação entre 250 e 500), e uma questão objetiva, a qual questionava: “Você acha que ser vegetariana/o (seja estrita, seja protoveg) ou vegana/o impacta na construção de um mundo mais sustentável?”. Logo abaixo desta questão, uma das perguntas discursivas questionava o motivo da resposta. Ainda na quinta página, ao final havia

um local para que, caso houvesse interesse, a pessoa poderia deixar comentários, assuntos não abordados, complementação de alguma ideia, opinião ou dados para contato, para que em pesquisas futuras, exista a possibilidade de retomar a comunicação com algumas pessoas que participaram deste questionário.

4 Resultados da pesquisa

Seguindo a ordem das questões e páginas apresentadas anteriormente, se irá, a partir deste momento, filtrar as respostas dadas apenas por gaúchas/os para que assim essa base de dados fique disponível para pesquisas futuras que abordem esta região ou necessitem deste tipo de informação. Das 115 respostas que prosseguiram e finalizaram a pesquisa, 86 serão aqui abordadas, visto que, como dito anteriormente, será realizada uma filtragem das respostas, observando e estudando apenas aquelas de pessoas naturais/residentes do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Além disso, os gráficos correspondentes a cada questão serão disponibilizados para uma facilidade de leitura dos resultados.

É preciso se dizer que este estudo se vincula à chamada história do tempo presente, na perspectiva colocada por Dosse (2012, p.5), ou seja, trata-se de uma tentativa de perceber: “como o presente é construído no tempo”. Em relação à percepção de Delgado e Ferreira (2013, p. 23 *apud* Hobsbawm, 1993; 1998) “o tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações [...]”. Desse modo, o presente estudo busca apresentar um olhar dos respondentes com conclusões provisórias, já que se trata de uma história que é reescrita de forma constante, “[...] utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções” (DELGADO e FERREIRA, 2013, p. 23). Além disso, não se pode negar a influência que o assunto aqui abordado (ou mesmo qualquer assunto abordado em demais pesquisas) exerce sobre a questão da memória e suas variações constantes ao decorrer do tempo, seja ele qual for (passado, presente e futuro). Porém, como veremos a seguir, Santo Agostinho nos mostra que talvez haja outras formas de visualizar (não apenas) os três tempos:

Não é exato falar de três tempos - passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E

estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. (MELLO, 2016, p.239 *apud* AGOSTINHO, 2002, p. 348)

Aliada às formas de tempo, como vimos, há ainda a influência dos regimes de historicidade (antigo, moderno e cristão), os quais Mello discorre que “Os *regimes de historicidade* não operam, evidentemente, de forma isolada, cada um a seu turno. Eles podem ser simultâneos, apresentando-se um em predominância aos outros em alguns momentos, ou em absoluta tensão entre eles.” (MELLO, 2016, p. 240).

Portanto, a história do tempo presente, as formas de tempo e os regimes de historicidade têm aqui o papel de auxílio no debate (do presente) dos fatos presentes (como citou Santo Agostinho), buscando tanto a compreensão do que já foi escrito/vivenciado, do que está sendo escrito/vivenciado e do que ainda pode vir a ser escrito/vivenciado no que tange a questão do (proto)vegetarianismo/veganismo e outros estilos de alimentação/vida existentes.

4.1 Definição de dieta/estilo de vida

Ao responderem à questão “Como você se define em relação ao estilo de alimentação/vida atual?” 62,8% (ou 54 pessoas) se auto declarou protovegetariana. Na sequência, de forma mais frequente, 31,4% das respostas (ou 27 pessoas) é referente às auto declaradas veganas, sucedido, de forma quase igual, por pessoas vegetarianas estritas e em transição, com 3,5% (ou 3 pessoas) e 2,3% (ou 2 pessoas) sucessivamente (imagem 3).

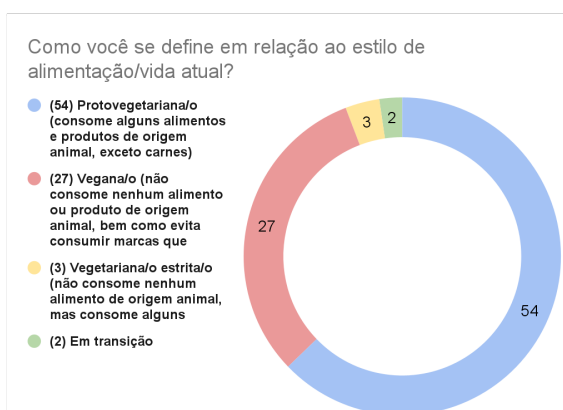


Imagem 3: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre estilo de alimentação/vida atual gaúchas/os.

4.2 Gênero, idade e profissão

Concordando com os autores citados inicialmente, 77,9% (ou 67 pessoas) citou ser do gênero feminino, ao passo que 19,8% (ou 17 pessoas) respondeu ser do gênero masculino e 2,3% (ou 2 pessoas) informou ser não binário (imagem 4).

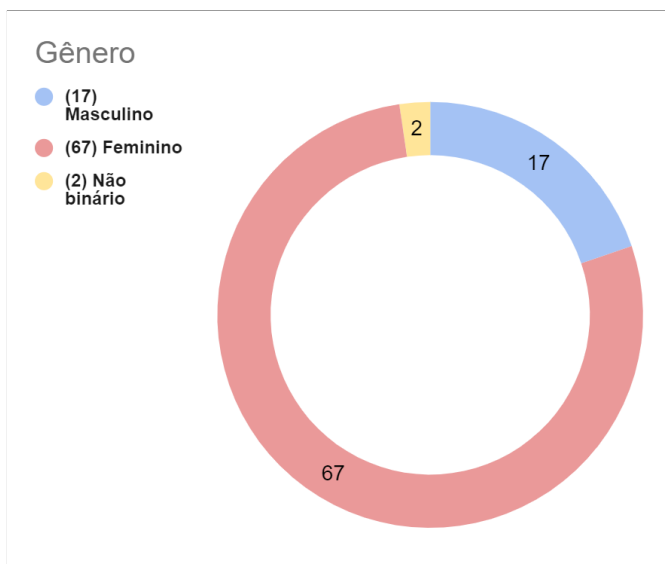


Imagem 4: Gráfico correspondente aos dados obtidos sobre gênero.

Estando de acordo com uma das hipóteses levantadas no início deste estudo, através da grande representação do sexo feminino nesta pesquisa é possível perceber duas posições que se encontram: a cultura gaúcha e seu alto consumo de carnes (essencialmente a vermelha, de rês, bovina, etc), bem como a forte cultura machista presente neste recorte da sociedade brasileira (refletida tanto nas mulheres e as opressões diárias, quanto na carne e seus abates e consumos, também rotineiros em muitas mesas gaúchas), indo ao encontro de, como já citado nas hipóteses deste estudo, Adams (2018, p. 61 *apud* KING & OIL, c1962¹⁷) que cita a diferenciação cultural em relação ao consumo de carnes e o poder que vinha consigo:

Nas sociedades tecnológicas, os livros de culinária refletem a suposição de que os homens comem carne. [...] Um “jantar para senhoras” deve ser com pratos que levem queijo e legumes, mas sem carne. Em outro livro, uma seção de cozinha intitulada “Só para os homens” reforça a onipresença da carne na vida dos homens. O que é “só para eles”? London Broil, carne em cubos e bifes. Adams (2018, p. 61 *apud* KING & OIL, c1962¹⁰)

¹⁷A autora faz referência a um livro de receitas, datado de c1962, sendo que a datação não consta no livro de Adams, e o ano foi consultado através de um site de vendas, nomeado “The Townhouse Antiques & Vintage”, disponível em: <<https://thetownhouseantiques.com/products/american-oriental-cookery-chun-king-mazola>>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Outra passagem do livro de Adams (2018, p. 69), na seção intitulada “A linguagem masculina do consumo de carne”, traz que “Os homens que resolvem se abster de carne são julgados afeminados”. Ainda na mesma página, a autora cita uma passagem de Steedman¹⁸: “Quando, em 1955, a mãe de Carolyn Steedman ‘serviu uma salada de legumes ralados para a ceia de Natal’, seu marido se retirou da mesa.”

A ligação com a baixa expressividade de respostas masculinas (como é possível imaginar após as análises auxiliadas por Adams, 2018) e os homens gaúchos, (sendo esta população -gaúcha- o foco deste trabalho) está relacionada à virilidade, força e imposição da masculinidade através da dominação daquele animal, agora morto sob o prato. Sendo assim, é possível compreender estas características com auxílio de Freitas & Silveira (2004, p. 268 *apud* LAMBERTY, 2000, p. 16) que assim dizem: “As constantes carneações, o churrasco meio cru, sua familiarização à lida campeira constante [a qual, em muitos momentos está ligada à exploração dos animais], o contato com o sangue, tornava-o sempre preparado para a guerra.” Ou seja, a carne (ou carneações, como na citação) está estritamente ligada à força e poder do homem gaúcho, como pode-se perceber no trecho “tornava-o sempre preparado para a guerra”. Uma análise semelhante foi realizada por Silva (2014, p. 73) que diz:

O *status* hegemônico alerta para que os homens dessa pesquisa [a qual os homens gaúchos eram o objeto a ser pesquisado] façam as coisas que seu grupo de pares local define como masculinos - montar a cavalo, laçar, domar, comer carne, andar de bota e bombacha, boina ou chapéu, compartilhar uma linguagem, as músicas, adotar uma postura, defender seu próprio prestígio, suas mulheres e sua família.

Neste trecho é interessante observarmos que, mais uma vez, a exploração animal está intrinsecamente ligada com o papel masculino e sua força e virilidade. Dentre “as coisas” citadas, ao menos sete delas são ou podem estar ligadas à exploração animal, sendo elas o “montar a cavalo”, que de fato é algo discutido no meio vegano, mas muitos já consideram uma [dentre tantas] forma de exploração,

¹⁸ADAM, 2018 *apud* STEEDMAN, Carolyn. Landscape for a good woman. In: HERON, Liz (*org*). Truth, dare or promise: girls growing up in the fifties. Londres, Virago Press, 1985, p. 114.

como debatido em um artigo¹⁹ publicado por Felipe (2014) no site “Portal Veganismo”, “laçar”, ato extremamente estressante aos animais (tanto o cavalo, o qual o homem monta, quanto a vaca, boi ou qualquer outro animal a ser laçado, que corre na esperança de escapar da corda em seu pescoço e além disso, normalmente o laço é feito de couro), “domar” que, em muitas vezes, ocorre à base de punições, fazendo com que o animal seja de fato domado pelo medo de sofrer as consequências de suas atitudes; sobre “comer carne” não há o que ser discutido, visto que o animal já está morto e espetado; “andar de bota” a qual, tradicionalmente, é feita de couro. Já “adotar uma postura” e “defender seu próprio prestígio” vêm juntos, carregados destas características recém citadas, pois, na cultura gaúcha, esta é a estirpe do homem “macho”²⁰.

Além destas ligações, do maior consumo de carnes por homens (tal qual podemos ver no Rio Grande do Sul), Adams (2018) ainda faz uma análise sobre referentes ausentes, onde a mulher é invisibilizada nas opressões sofridas pelos animais (principalmente animais de sexo feminino) explorados para o corte, leite, ovos, dentre outros “produtos” consumidos pelas indústrias, e os animais são os referentes ausentes nas opressões sofridas pelas mulheres de forma diária:

A violência e o consumo de carne, que parecem ser formas distintas de violência, têm no referente ausente um ponto de intersecção. As imagens culturais de violência sexual, e a violência sexual real, frequentemente repousam no nosso conhecimento de como os animais são retalhados e comidos. Por exemplo, Kathy Barry nos fala de *maisons d'abattage* (tradução literal: casas de matança) onde seis ou sete mulheres atendem 80 a 120 clientes por noite. Além disso, o equipamento pornográfico usado para a sujeição - correntes, espetos de gado, laço, coleiras de cachorro e cordas - evoca o controle sobre os animais. Assim, quando as mulheres são vítimas de violência, o tratamento dado aos animais é lembrado. De modo semelhante, nas imagens de chacina de animais, insinuações eróticas mostram que as mulheres são o referente ausente. Se os animais são o referente ausente na expressão “retalhamento de mulheres”, as mulheres são o referente ausente na expressão “estupro de animais” (ADAMS, 2018, p.81-82).

Apesar de este (o referente ausente) não ser o foco deste trabalho, é interessante observarmos uma das possíveis ligações para que tantas pesquisas

¹⁹FELIPE, Sônia T. **Equitação:** técnica/exercício de andar a cavalo. Portal Veganismo, 14 de outubro de 2014. Disponível em:

<https://www.portalveganismo.com.br/artigos/equitacao-tecnica-ou-exercicio-de-andar-a-cavalo/>.

Acesso em: 09 nov. 2021.

²⁰“Entretanto, a afirmação “-é um macho!”, ou a situação do menino que é criado no galpão junto aos peões a fim de ser educado como homem para a lida campeira, depende de uma extensa cadeia de expressões negativas de outras identidades, em que ser macho é não ser frágil, não ser covarde, não ser fêmea, etc.” (PACHECO, 2003, p. 9)

(como as já citadas até então) apresentarem, neste tópico, os mesmos resultados, ou seja, a maior adesão pelo (proto)veg(etari)anismo por mulheres.

Em relação às idades, mais da metade das pessoas respondentes (58,1% ou 50 respostas) informou ter entre 19 e 29 anos, tendo na sequência, de mais a menos expressivo, as idades entre 30 e 40 anos, 52 e 62 anos, 41 e 51 anos e 18 anos ou menos, com porcentagens de 19,8% (ou 17 pessoas), 10,5% (ou 9 pessoas), 8,1% (ou 7 pessoas) e 3,5% (ou 3 pessoas) respectivamente (imagem 5).

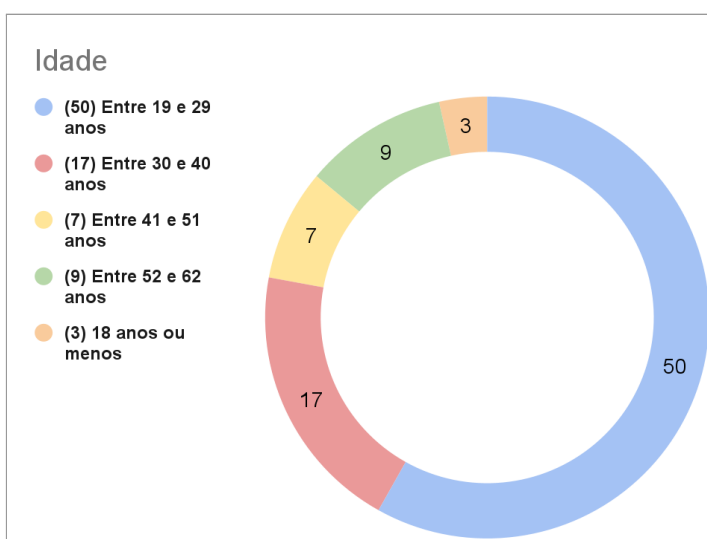


Imagem 5: Gráfico correspondente aos dados obtidos sobre idade.

Os dados obtidos, referente à idade, vão ao encontro de parte das informações levantadas por Carvalho & Moreira (2020, p. 535), que informaram uma média de idade de 28,5 anos (para vegetarianos não estritos, ou seja, todos que não se autodeclararam vegetarianos estritos ou veganos), estando estes em concordância com os dados deste estudo. O outro dado, o qual não está totalmente de acordo com esta pesquisa, se refere à média de idade dos vegetarianos estritos, os quais tiveram média de idade de 31,5 anos.

Entre as profissões, as mais citadas foram estudante, professora (duas professoras aposentadas) e designer (duas especificadas como designer de interiores e designer gráfica, as demais, apenas designer), com porcentagens de 37,2% (ou 32 respostas), 17,4% (ou 15 respostas) e 8,1% (ou 7 respostas) respectivamente. Na sequência, de forma quase igual, advogada com 7% (ou 6 respostas), autônoma com 5,6% (ou 5 respostas, sendo uma eletricista, uma MEI e uma babá) e setor administrativo com 4,7% (ou 4 respostas, sendo uma assistente

administrativa, uma administradora, uma auxiliar administrativa e uma técnica administrativa). De forma igual, com 2,3% (ou 2 respostas) cada, comerciária, psicóloga e servidora pública aparecem com a menor frequência das profissões. Um grupo nomeado “outros” obteve 12,8% (ou 11 pessoas) das respostas, contando com profissões como: médica veterinária, operador audiovisual, empresário, publicitário, pedagoga, antropóloga, gerente de comunicação, cineasta, enfermeira, cozinheira e bióloga (imagem 6).

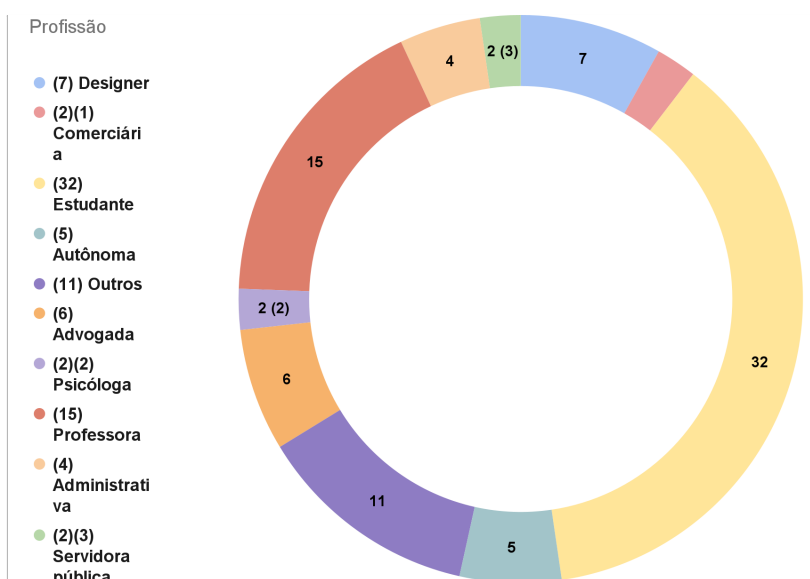


Imagem 6: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre profissão.

4.3 Estado civil, filhos e as dietas/estilos de vida destes

Sobre o estado civil, as/os solteiras/os resultaram em uma expressão de 69,8% das respostas, ou 60 pessoas. Na sequência, de mais a menos expressivo, as pessoas casadas correspondem a 15,1% (ou 13 pessoas) das respostas, ao passo que as declaradas divorciadas, namorando e em uma união estável representam quase a mesma porcentagem com 5,8% (ou 5 pessoas), 4,7% (ou 4 pessoas) e 3,5% (ou 3 pessoas), respectivamente. Apenas uma pessoa gaúcha informou ser viúva, correspondendo a 1,2% das respostas (imagem 7).

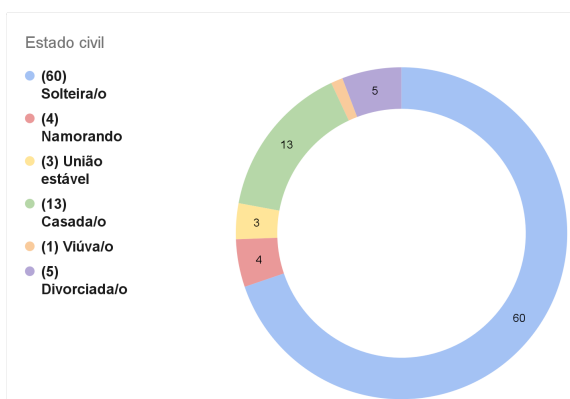


Imagem 7: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre o estado civil.

Relacionada à seção de idade, onde o maior grupo de respondentes foi das pessoas com idades entre 19 e 29 anos, ou seja, são em sua grande maioria pessoas mais jovens e comparado com o estado civil, talvez por terem idade mais baixa, são pessoas solteiras, em sua maioria.

Após esta questão, o questionário dava sequência ainda sobre este tópico: “Se for casada(o) ou esteja em um relacionamento estável, sua/seu cônjuge também é protovegetariana(o)/vegetariana(o) estrita(o)/vegana(o)?”. 31,4% (ou 27 respostas) das pessoas pesquisadas respondeu que “Sim, ela(e) é protovegetariana(o)/vegetariana(o) estrita(o)/vegana(o). De forma quase igual, “Não, ela(e) é onívora(o)” recebeu 25,6% (ou 22 pessoas) das respostas, ao passo que apenas uma pessoa, ou 1,2%, informou que a/o cônjuge está em processo de transição. 41,9% das respostas (ou 36 pessoas) informaram não estar em nenhum relacionamento atualmente (imagem 8).

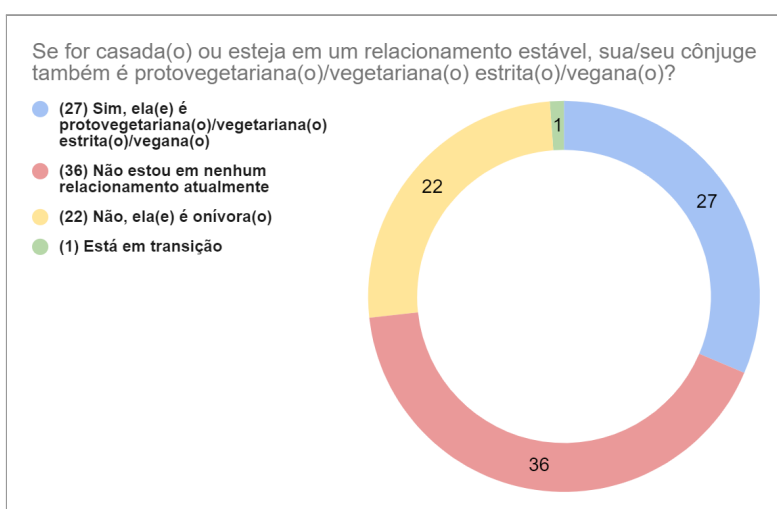


Imagem 8: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre a/o cônjuge ser (proto)veg(etari)ana/o ou não.

Aqui há uma inconstância de respostas, onde ao serem questionadas/os sobre o estado civil, 60 pessoas informaram ser solteiras, ao passo que ao serem questionadas/os se a/o cônjuge seguia uma dieta/estilo de vida (proto)veg(etari)ana pouco mais da metade (36 pessoas) informou não estar em um relacionamento. Ou seja, há uma divergência de 24 respostas.

Apesar disso, o segundo maior grupo de respostas foge do esperado, pois 27 das/dos respondentes informam que “sim, ela/e é (proto)veg(etari)ana/o”. Claro, não há uma questão sobre a sexualidade dos respondentes, então não é possível deduzir que estes cônjuges sejam homens, mesmo que a maior expressividade de gênero tenha sido o feminino. Mesmo assim, é interessante observarmos esta comparação, apesar de estar próxima do grupo seguinte, que conta com 22 respostas de “Não, ela/e é onívora/o”.

As duas próximas questões são similares, porém, em relação aos filhos. A primeira questão, indagava a pessoa respondente se ela possuía filhos e mais de $\frac{3}{4}$, ou seja, 83,7% (ou 72 pessoas) respondeu negativamente, ao passo que 16,3% (ou 14 pessoas) informou de maneira positiva (imagem 9).

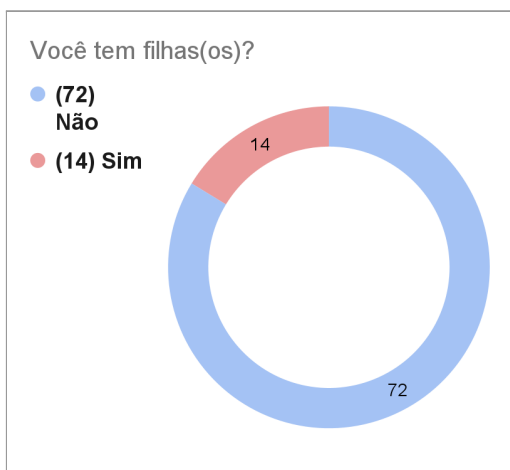


Imagem 9: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre filhos.

Destes, 10,5% (ou 9 pessoas) informou que não, sua(s)/seu(s) filha(s)/o(s) não é/são protovegetariana(o)/vegetariana(o) estrita(o)/vegana(o), sendo que as demais respostas, de forma quase igual, foram “Sim, protoveg” e “Sim, vegan” com 4,7% (ou 4 pessoas) e 2,3% (ou 2 pessoas) das respostas, respectivamente. Um grupo nomeado “outros” foi criado, abarcando 3,5% (ou 3 pessoas) da amostragem, o qual está relacionado com respostas como “uma vegana e outra onívora”, “Ainda

está exclusivamente amamentando” e “enteado” (este último contém apenas esta palavra, dando a entender que o enteado segue alguma das dietas/estilos de vida abordados. O grupo mais expressivo é referente às pessoas que não possuem filha(s)/filho(s) com 79,1% (ou 68 pessoas) da amostragem (imagem 10).

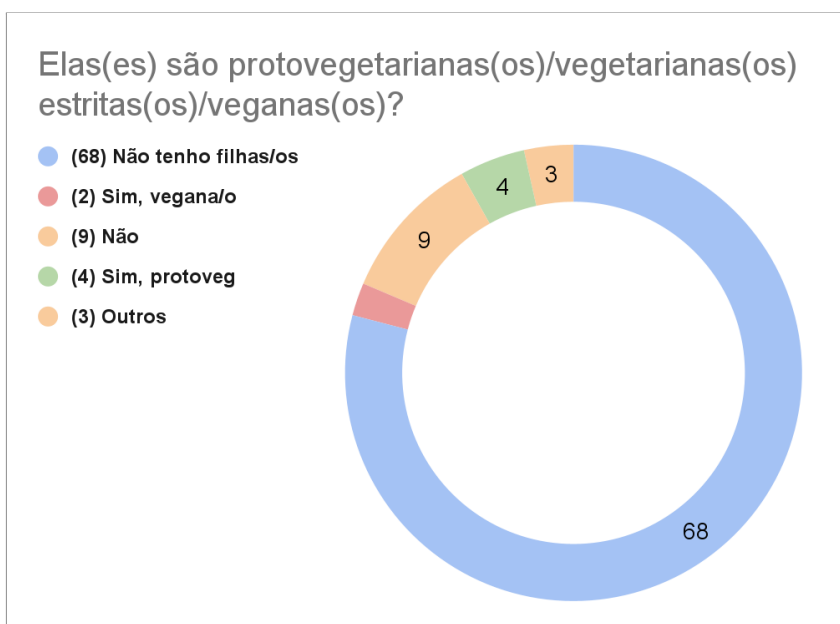


Imagem 10: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre a(s)/o(s) filha(s)/o(s) ser(em) (proto)veg(etari)ana(s)/o(s) ou não.

Mais uma vez, nota-se uma inconstância de respostas. Na primeira, das duas últimas, perguntas, 14 pessoas responderam que sim, possuem filhas/os. Porém, na segunda resposta, 18 pessoas informaram algum dado que não “Não tenho filhas/os. Ou seja, há uma diferença de 4 respostas onde ou 4 pessoas responderam a segunda questão de forma equivocada, ou 4 pessoas que responderam a segunda questão, não responderam a primeira questão, também de forma equivocada. Claro, é possível que outras hipóteses tenham ocasionado este erro, porém, de maneira lógica e pensando apenas nos dados, estas são as hipóteses mais palpáveis no momento.

4.4 Escolaridade, renda familiar e religião

A maior porcentagem, no que diz respeito à escolaridade das pessoas pesquisadas, é superior incompleto com 40,7% (ou 35 respostas), não considerando se ainda estão cursando ou se interromperam por algum motivo. Na sequência, a pós-graduação conta com 31,4% (ou 27 pessoas) das respostas, e da mesma forma

não leva em consideração se ainda estão cursando, interromperam por algum motivo ou já concluíram. Como terceira resposta mais expressiva, superior completo conta com 19,8% (ou 17 pessoas) das respostas, seguido do médio completo, médio incompleto e fundamental incompleto com 4,7% (ou 4 pessoas), 2,3% (ou 2 pessoas) e 1,2% (ou uma pessoa), respectivamente (imagem 11). A escolaridade “fundamental completo” não obteve nenhuma porcentagem de resposta.

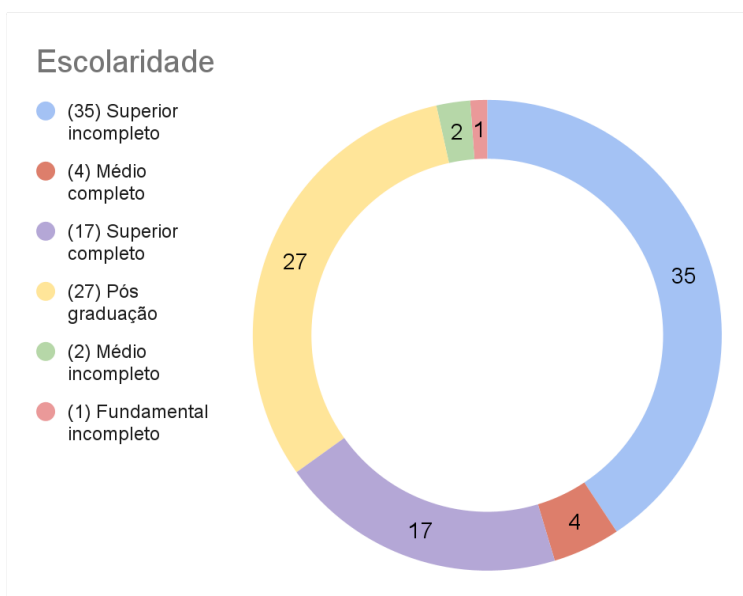


Imagem 11: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre escolaridade.

Podemos realizar aqui uma análise, comparando os dados obtidos em relação à escolaridade, com outros dados obtidos por outras/os autoras/es e artigos como Teixeira *et al.* (2006), Carvalho & Moreira (2020) e pesquisa realizada e publicada pela Sociedade Vegetariana Brasileira (c2017)²¹. Os dados de Teixeira, mesmo que sejam informações mais antigas, obtiveram resultados semelhantes, com uma maior representatividade de pessoas com escolaridade “Superior” (sem distinção entre completo, incompleto, graduação ou pós graduação) e contou com 29,8% da amostra (de 67 pessoas). Carvalho e Moreira vão ao encontro destes dados, sejam os obtidos aqui, sejam os apresentados anteriormente, com uma representação de 89,9% e 88,5% de vegetarianos não estritos e vegetarianos estritos, respectivamente, em uma amostra que contou com 398 participantes.

²¹Pesquisa realizada pela Associação Vegetariana Brasileira sobre o **Mercado Vegano**, com as estimativas de porcentagem de vegetarianos e veganos no Brasil. A página não possui local nem data. Disponível em: <https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/mercado-vegetariano>. Acesso em: 09 nov. 2021.

Sobre a renda familiar, o maior grupo é referente aos valores entre 1 e 3 salários mínimos, com 37,2% (ou 32 pessoas), seguido do grupo com renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos, com representação de 23,3% (ou 20 pessoas) das respostas. Na sequência, de mais a menos expressivo, os grupos com mais de 10 salários mínimos com 17,4% (ou 15 pessoas), até um salário mínimo com 11,6% (ou 10 pessoas) e mais de 5 salários mínimos com 10,5% (ou 9 pessoas) das respostas (imagem 12).

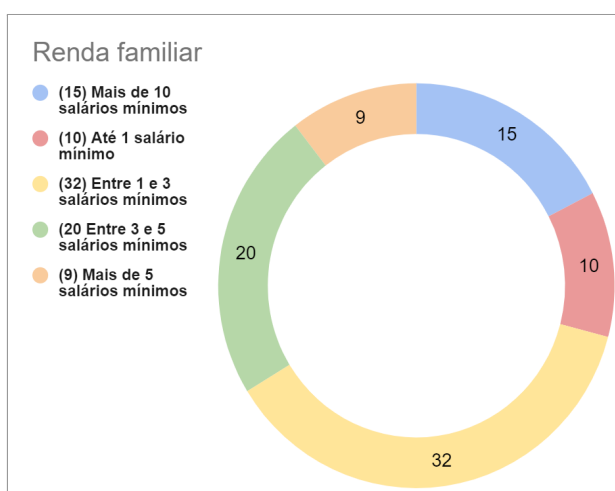


Imagem 12: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre renda familiar.

Analisando os dados obtidos em relação a renda familiar, é, de certa forma, inesperado que o maior grupo seja em relação a pessoas com renda familiar mais baixa, ou seja, entre 1 e 3 salários mínimos, visto que de forma abrangente, a sociedade ainda visualiza o (proto)veg(etari)anismo como uma dieta/estilo de vida cara e elitista (e de certa forma é, se nos basearmos apenas pelos produtos industrializados, como por exemplo o leite vegetal, que custa em média R\$10,00/L)²². Porém, os dados aqui obtidos nos dizem o contrário, bem como os resultados de Carvalho & Moreira (2020) que informam que mais da metade dos respondentes (63,6% dos vegetarianos não estritos e 52% dos vegetarianos estritos) possuem renda (pessoal) de até três salários mínimos. Carvalho & Moreira (2020 *apud* Allès et al., 2017) ainda citam que “A renda pessoal de até três salários mínimos, prevalente entre ambos os grupos, converge com o dado sobre o vegetarianismo estar se popularizando entre pessoas de baixa renda”. A pesquisa

²²Pesquisa realizada de forma *online* através do buscador *Google* no dia 10 nov. 2021, contabilizando apenas produtos de 1L, vendidos individualmente, de marcas diferentes e com valores entre R\$9,00 e R\$15,00, encontrados através da busca pela palavra-chave “leite vegetal”.

quali/quantitativa realizada por Carvalho e Moreira não informa a localidade que a pesquisa foi realizada, porém, por ser uma pesquisa oriunda de faculdade brasileira e a divulgação do questionário utilizado ter sido, essencialmente, através das redes sociais, se deduz que é uma pesquisa com resultados nacionais.

Mas, assim como vimos nos primórdios do vegetarianismo, nem sempre a dieta é adotada de forma voluntária, e desde que o mundo enfrenta a pandemia do COVID-19, os preços, essencialmente das carnes (em especial as de gado e de aves, com maior foco deste último grupo nos frangos) têm subido cada vez mais, o que levou aos brasileiros a lerem notícias desumanas como a publicada por Castro (2021), no G1²³: “Sem dinheiro para comprar carne, pernambucanos recorrem a ossos e ovos para fazer as refeições”. A reportagem conta que esta “alternativa” ocorre “devido à alta acumulada de mais de 20% no preço cobrado nos açougues.”

Assim que as pessoas pesquisadas foram questionadas sobre suas religiões, o grupo mais expressivo foi daquelas que não possuem nenhuma, com 66,3% (ou 57 pessoas) das respostas. Na sequência, com as mesmas porcentagens cada, os grupos das religiões católica e espírita com 8,1% (ou 7 pessoas), seguidos dos grupos de umbanda e espiritualista com 5,8% (ou 5 respostas) e 2,3% (ou 2 respostas), respectivamente. Um grupo nomeado outros foi gerado, contando com 9,3% (ou 8 pessoas) das respostas e abarcando respostas como wicca, bruxaria, bruxaria natural, budista, agnóstica, adepta ao budismo, hinduísmo e espiritismo, de tudo um pouco e nada tanto assim e todas e nenhuma (imagem 13), sendo que estas duas últimas poderiam ser agrupadas como agnosticismo, porém, não foi feito para que os resultados não fossem distorcidos.

²³CASTRO, Beatriz. **Sem dinheiro para comprar carne, pernambucanos recorrem a ossos e ovos para fazer as refeições.** G1, Pernambuco, 02 de set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/09/02/sem-dinheiro-para-comprar-carne-pernambucanos-recorrem-a-ossos-e-ovos-para-fazer-as-refeicoes.ghtml>. Acesso em: 09 nov. 2021.

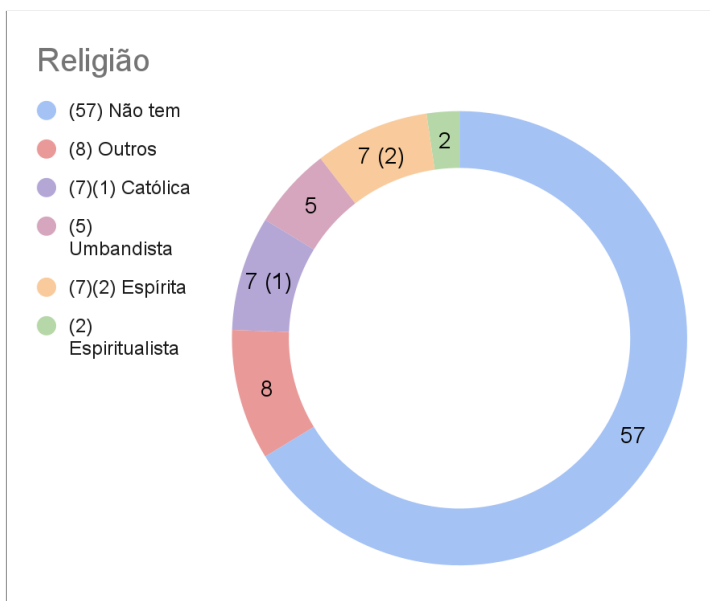


Imagem 13: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre religião.

Apesar de termos visto, nos primórdios do vegetarianismo, a importância da religião na disseminação do vegetarianismo e o lado filosófico do estilo de vida vegano (essencialmente com as religiões hindu, budista e adventista), os resultados obtidos neste estudo mostram que a religião não é o principal motivo para a escolha da dieta/estilo de vida. Köhler *et al.* (2020, p. 181), através da sua pesquisa, obtiveram resultados similares, indo estes estudos, portanto, ao encontro um do outro. Os autores obtiveram, em sua pesquisa, um maior grupo de 40%, correspondente à resposta “Tenho espiritualidade, porém não me identifico com nenhuma religião” e um segundo maior grupo de 38%, correspondente a resposta “Sem religião”, somando um total de 78% das respostas não vinculadas a nenhum viés religioso.

4.5 Há quanto tempo adotou o estilo de alimentação/vida

Ao serem questionadas/os sobre o tempo em que estão na dieta/estilo de vida atual, de forma bem equilibrada as respostas “entre 2 e 5 anos”, “entre 1 e 2 anos” e “entre 5 e 10 anos” foram as mais escolhidas com 26,7% (ou 23 pessoas), 24,4% (ou 21 pessoas) e 23,3% (ou 20 pessoas) das respostas. Na sequência, também de mais a menos expressivo, o tempo de adoção de cada estilo de alimentação/vida “há mais de 10 anos” obteve uma diferença razoável em relação às de menor expressão, com 15,1% (ou 13 pessoas), enquanto “entre 6 e 12 meses” e

“há menos de 6 meses” contaram com 7% (ou 6 pessoas) e 3,5% (ou 3 pessoas) das respostas (imagem 14).

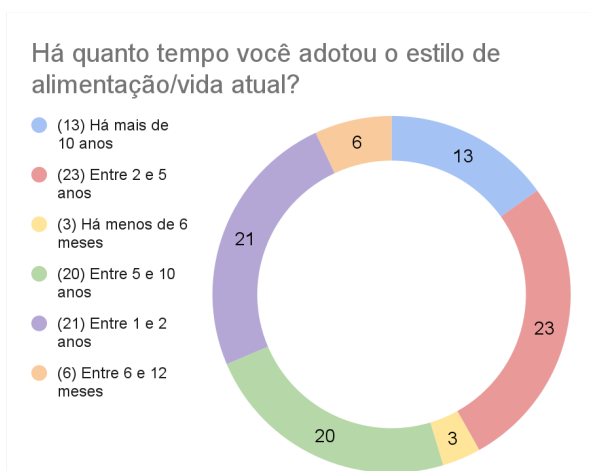


Imagem 14: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre tempo de adoção do atual estilo de alimentação/vida.

4.6 Transição e recaídas

Questionadas/os sobre o desejo de transicionar para outra dieta/estilo de vida, 33,7% (ou 29 pessoas) das/os protovegetarianas/os informou ter o desejo de se tornar vegetariana/o estrita/o, enquanto os demais se dividiram entre “talvez” e “não desejo me tornar vegetariana/o estrita/o futuramente” com 20,9% (ou 18 pessoas) e 9,3% (ou 8 pessoas) das respostas, respectivamente. 36% (ou 31 pessoas) informou não ser protovegetariana (imagem 15).

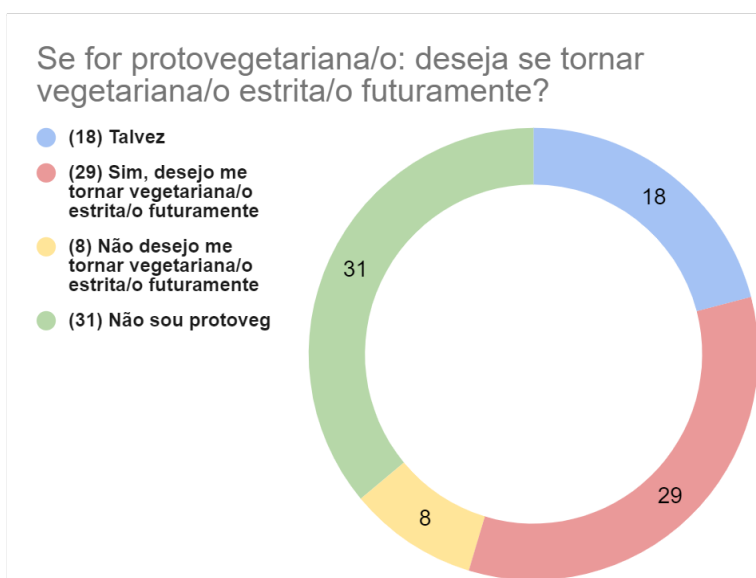


Imagem 15: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre o desejo de protovegetarianas/os transicionarem para o vegetarianismo estrito.

Ao realizar a mesma questão para este último grupo (não protovegetarianos), 14% (ou 12 pessoas) indicou possuir o desejo em migrar para o veganismo futuramente, ao passo que 9,3% (ou 8 pessoas) talvez tenha o desejo da transição. 8,1% (ou 7 pessoas) não possui o desejo de fazer a transição do vegetarianismo estrito para o veganismo. Uma grande porcentagem (68,6% ou 59 pessoas) informou não ser vegetariana estrita (imagem 16). É necessário haver um cuidado maior nesta parte do questionário, pois dentre as pessoas que não se consideram nem protovegetarianas, nem vegetarianas estritas, podem haver outras classificações como veganas, e, apesar de não mencionadas, flexitarianas, pescitarianas, dentre outras classificações.

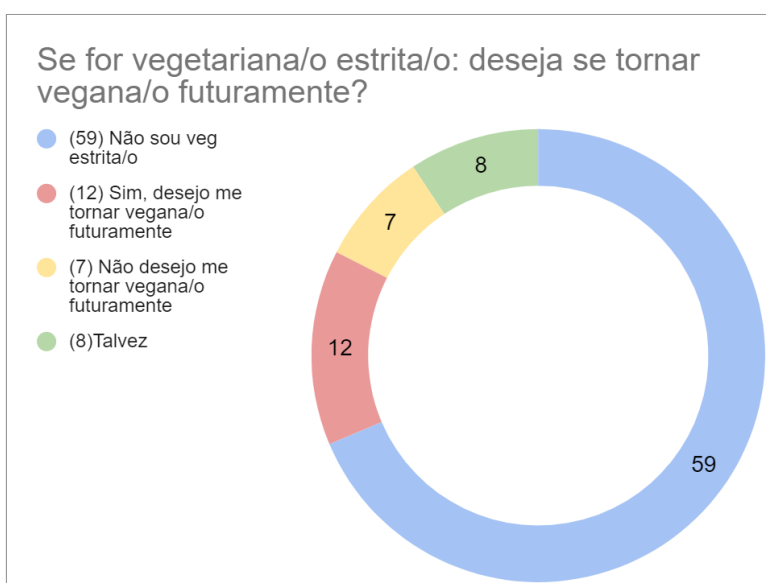


Imagem 16: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre o desejo de vegetarianas/os estritas/os transicionarem para o veganismo.

Sobre atualmente estarem ou não em um processo de transição de dieta/estilo de vida, uma grande porcentagem (81,4% ou 70 pessoas) informou não estar realizando tal mudança, ao passo que 15,1% (ou 13 pessoas) informou estar transicionando do protovegetarianismo para o vegetarianismo estrito. Os demais 3,5% (ou 3 pessoas) informaram estar no processo de transição do vegetarianismo estrito para o veganismo (imagem 17).

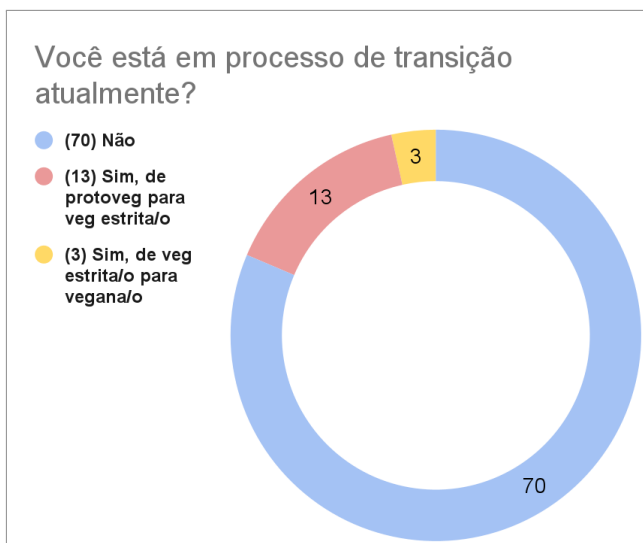


Imagem 17: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre atualmente estar (ou não) em processo de transição.

Com auxílio dos dados levantados por Rosenfeld & Burrow (2017) podemos abordar a transição de várias maneiras. Por exemplo, os autores citam que a transição, seja do onivorismo para o vegetarianismo ou vice versa, “[...] surgem de grandes mudanças nas ideologias, motivações e comportamentos de escolha alimentar, e não de uma mudança imediata”²⁴ (p. 89). Ou seja, é provável que as 16 pessoas que citaram estar em processo de transição, estejam realizando de forma lenta ou espaçada essa passagem, para assim aos poucos se desvincularem da necessidade de consumo de carnes ou outros ingredientes de origem animal. Outro ponto interessante que os autores citam, é que quanto mais cedo essa transição ocorre, ou seja, quanto mais nova a pessoa for quando essa transição acontece, mais sólida é a identidade vegetariana dela: “Particularmente para vegetarianos com baixa consideração onívora²⁵ ou alta motivação moral²⁶, tal transição drástica de identidade de onívoro para vegetariano pode resultar em um senso de identidade fragmentado”²⁷.

²⁴Tradução livre da autora. Versão original: “[...] arise out of major changes in one’s food-choice ideologies, motivations, and behaviors, not from a readily modifiable mindset with which one can engage directly” (p. 91-92).

²⁵Pessoas vegetarianas que “[...] avaliam os outros negativamente pelo uso de produtos de origem animal [...]” (ROSENFELD & BURROW, 2017, p. 84). Tradução livre da autora. Versão original: “[...] evaluate others negatively for using animal products [...]”.

²⁶ “[...] refere-se à extensão em que as crenças sobre o que é certo e errado são uma razão para ser vegetariano.” (ROSENFELD & BURROW, 2017, p. 86). Tradução livre da autora. Versão original: “[...] refers to the extent to which beliefs about rightness and wrongness is a reason for being vegetarian.”

²⁷Tradução livre da autora. Versão original: “Particularly for vegetarians with either low omnivorous regard or high moral motivation, such a drastic identity transition from omnivore to vegetarian may result in a fragment sense of self.”

A questão seguinte se refere à forma que a transição para a dieta/estilo de vida atual foi realizada, ou seja, se foi de maneira brusca, repentina, ou se foi gradual, de maneira gradativa. Com uma diferença de 8 respostas, a maior porcentagem foi em relação à transição brusca, com 54,7% (ou 47 pessoas) das respostas, ficando, portanto, com 45,3% (ou 39 pessoas) das respostas a maneira gradual de transição (imagem 18).

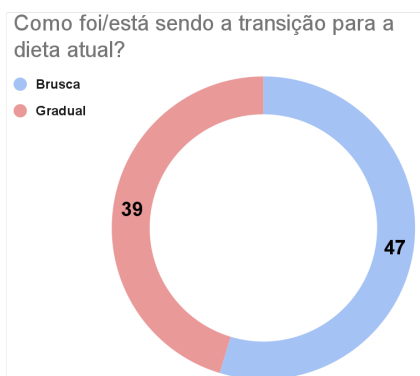


Imagem 18: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre a maneira que a transição para a dieta/estilo de vida atual foi/está sendo.

Mas diferente dos dados apresentados por Carvalho & Moreira (2020), que levantaram informações sobre uma transição gradativa entre o grupo vegetariano estrito (que abarca, além de pessoas vegetarianas estritas, pessoas veganas também), nos resultados obtidos nesta pesquisa, especificamente com pessoas gaúchas, o grupo de pessoas vegetarianas estritas e veganas obteve uma maior porcentagem de respostas em relação à transição brusca (53,3% ou 16 pessoas), enquanto a transição gradual ficou com o restante das respostas com 46,7% (ou 14 pessoas) das respostas.

Na sequência, foi questionado às pessoas respondentes se elas já haviam tido ou se atualmente têm recaídas, seja com leite, ovos, mel e derivados, seja com carnes. A metade respondeu que não, nunca teve recaídas (ou seja, 50% ou 43 pessoas). Das pessoas que já tiveram recaídas, 31,4% (ou 27 pessoas) informou que já teve, mas atualmente não tem mais, seguida por aquelas as quais ainda tem recaídas, mas de forma não frequente (16,3% ou 14 pessoas). Em baixa expressão, as pessoas que ainda sofrem com recaídas de forma frequente correspondem a 2,3% (ou duas pessoas) das respostas (imagem 19).

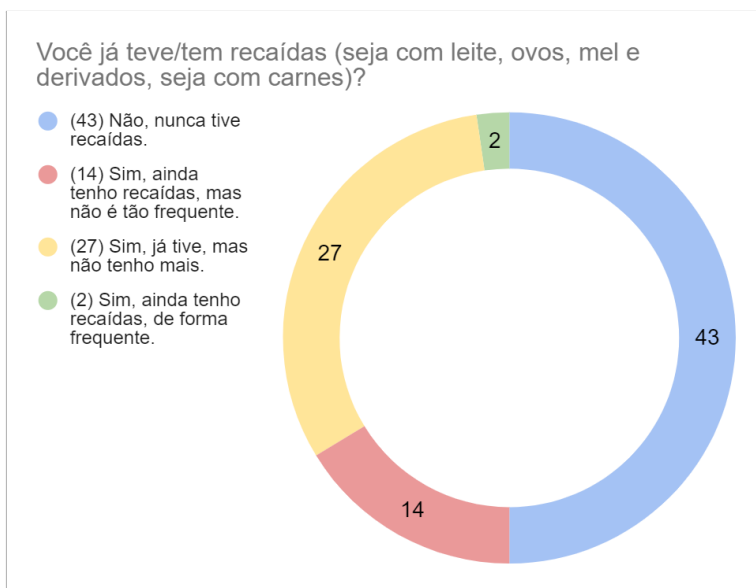


Imagem 19: gráfico correspondente aos dados obtidos sobre recaídas e a frequência das mesmas.

Aqui é possível realizar uma análise em relação ao segundo maior grupo, ou seja, os que informam que já tiveram recaídas, porém, hoje não têm mais. Analisando em conjunto a idade dos respondentes (sendo que o maior grupo corresponde às pessoas com idades entre 19-29 anos) e o maior grupo, em relação há quanto tempo adotou o estilo de alimentação/vida atual (que corresponde a 23 pessoas, com a adoção do estilo entre 2 e 5 anos), estes perfis de respondentes, quando pararam de comer carnes e/ou outros produtos de origem animal, possuíam entre 15-25 anos. Segundo Rosenfeld & Burrow (2017, p. 82 *apud* Ruby, 2012), quanto mais no início da transição uma pessoa se encontra, mais frágil é a ligação desta adoção. O exemplo dado pelos autores é

Um vegetariano de 1 mês e um vegetariano de 30 anos teriam tipos muito diferentes de identidades vegetarianas; a identidade do último indivíduo pode ser mais estável, mais complexa e mais entrelaçada com o autoconceito, por exemplo, por que ele ou ela teve mais oportunidades de negociar entre as regras dietéticas vegetarianas e as convenções sociais [debatidas ao decorrer do texto] e refletir em experiências desafiadoras. As motivações do vegetariano de 1 mês para ser vegetariano são provavelmente mais variáveis, pois as motivações de um indivíduo tendem a mudar ao longo do tempo.²⁸

²⁸Tradução livre da autora. Versão original: “A vegetarian of 1 month and a vegetarian of 30 years would have vastly different types of vegetarian identities; the latter individual's identity may be more stable, more complex, and more intertwined with self-concept, for example, because he or she has had more opportunities to negotiate between vegetarian dietary rules and social conventions and to reflect on challenging experiences. The 1-month vegetarian's motivations for being vegetarian are likely more variable, as an individual's motivations tend to change over time.”

Portanto, é possível que a baixa idade e a maior frequência de recaídas (mesmo que hoje não mais) esteja intrinsecamente ligada ao tempo em que a pessoa adotou o estilo de alimentação/vida. Os autores ainda citam que “Ao avaliar os inícios e terminações vegetarianas, os pesquisadores devem considerar não apenas as idades em que as mudanças ocorrem, mas também os estágios de desenvolvimento e eventos de vida relevantes em torno dessas transições”²⁹.

4.7 Motivos e dificuldades

Ao serem questionadas/os sobre os motivos que as/os levaram a adesão de tal dieta/estilo de vida, foram ofertadas algumas opções de escolha, podendo selecionar mais de uma: pelos animais, pelo meio ambiente, pelo descontentamento com a indústria, pela própria saúde e pela religião. Para facilitação de apresentação de dados, será representado aqui a quantidade de respostas escolhidas, visto que em um primeiro momento a questão foi de múltipla escolha, podendo ou não ser complementada, de acordo com o desejo da pessoa a responder. Quatro e três escolhas foram mais frequentes com 32,6% (ou 28 pessoas) e 31,4% (ou 27 pessoas), respectivamente. A seguir, duas escolhas obtiveram 16,3% (ou 14 pessoas) das respostas, seguida por uma e cinco escolhas, com 8,1 (ou 7 pessoas) e 1,2 (ou uma pessoa), respectivamente. Um terceiro grupo nomeado “outros” foi gerado, com algumas respostas redigidas pelas próprias pessoas respondentes: “Nunca gostei do sabor e textura de algumas carnes”, “Parei antes de ter conhecimento sobre o impacto ambiental”, “Realizei que tenho outras opções para me alimentar, de forma saudável, sem drama”, “Nunca comi carne, tornou-se uma escolha consciente a alguns anos. Ambos meus pais comem carne”, “Lógica. Não encontrei justificativas”, dentre outras respostas. Este grupo corresponde a 10,5% (ou 9 pessoas) das respostas (imagem 20).

²⁹Tradução livre da autora. Versão original: “ In assessing vegetarian onsets and terminations, investigators should consider not only the discrete ages at which changes occur but also the developmental stages and relevant life events surrounding these transitions.”

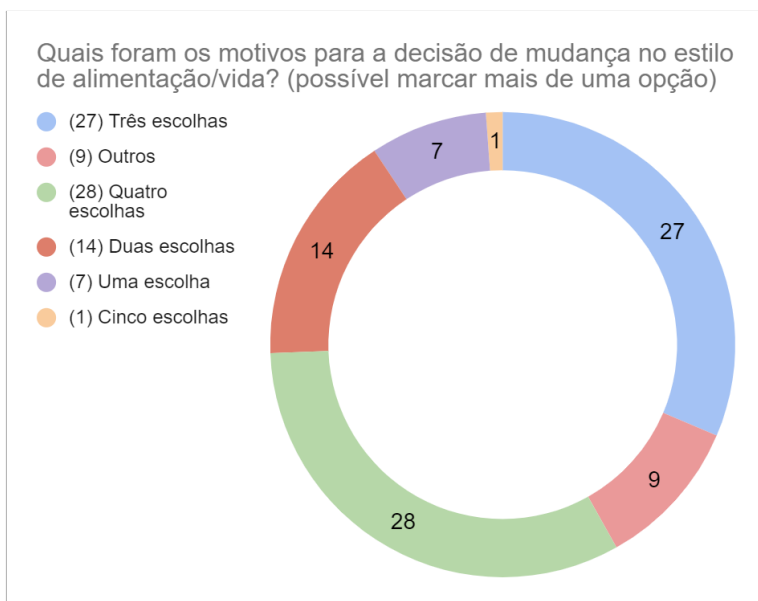


Imagem 20: gráfico correspondente aos dados obtidos em relação a quantidade de motivos decisórios para a mudança no estilo de alimentação/vida

Na sequência, a mesma questão foi levantada, porém, com possibilidade de escolha única. Com grande expressão, a principal escolha da maioria das pessoas respondentes foi “pelos animais”, contando com 64% (ou 55 pessoas) das respostas. “Pela própria saúde” aparece na sequência, com 14% (ou 12 pessoas) dos resultados desta questão. Logo depois, de mais a menos expressivo, “pelo meio ambiente”, “pelo descontentamento com a indústria”, “todas” (as respostas) e “pela religião” aparecem com 10,5% (ou 9 pessoas), 5,8% (ou 5 pessoas), 2,3% (ou duas pessoas) e 1,2% (ou uma pessoa), respectivamente. Um grupo nomeado “outros” foi criado, e conta com a mesma porcentagem que todas as respostas, ou seja, 2,3% (ou duas pessoas). Este grupo conta com respostas qualitativas, redigidas pelas pessoas respondentes: “Não gostar de consumir certas carnes” e “O principal motivo foi porque uma pessoa próxima parou” (imagem 21).

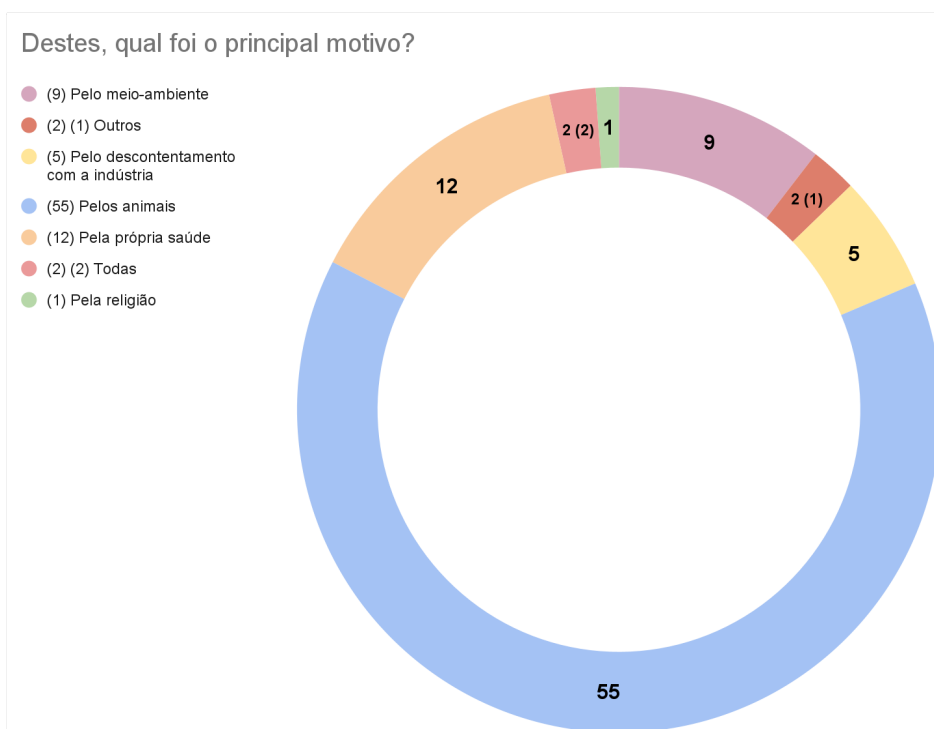


Imagem 21: gráfico correspondente aos dados obtidos em relação ao(s) principal(ais) motivo(s) decisório(s) para a mudança no estilo de alimentação/vida.

Logo depois, uma questão relacionada à dificuldade já (ou ainda) enfrentada, a qual obteve 36% (ou 31 pessoas) das respostas relacionadas a “No início sim [tinha dificuldades], hoje não mais”. Na sequência, 33,7% (ou 29 pessoas) informou nunca ter tido dificuldade, 25,6% (ou 22 pessoas) disse estar enfrentando cada vez menos dificuldade e 4,7% (ou 4 pessoas) ainda tem um pouco de dificuldade em relação a alimentação/estilo de vida atual (imagem 22).

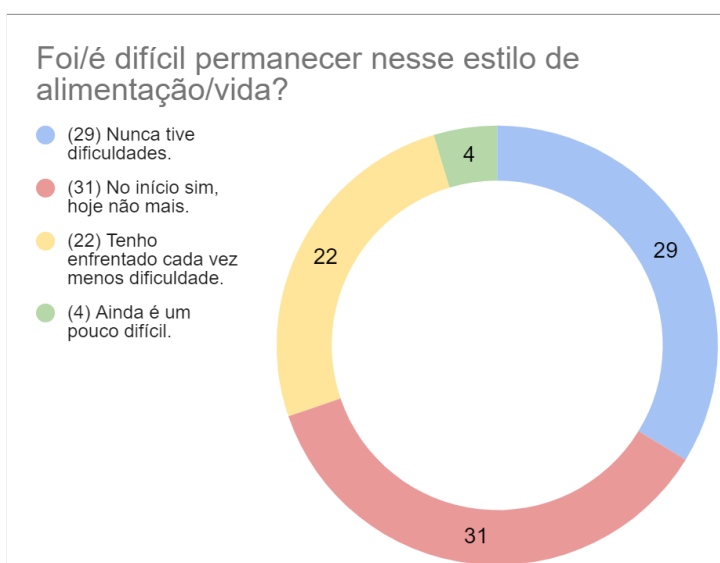


Imagem 22: gráfico correspondente aos dados obtidos em relação à dificuldade (ainda) enfrentada na permanência do atual estilo de alimentação/vida.

4.8 (proto)Veg(etari)anismo e o Covid-19

Finalizando o questionário, a pergunta “E em relação a atual pandemia da Covid-19, você sentiu que afetou seu estilo de alimentação/vida?” foi realizada, e contou com 48,8% (ou 42 pessoas) das respostas dizendo que não se sentiram afetadas;. 30,2% (ou 26 pessoas) informou ter sido um pouco afetada, seguida de “Sim, afetou muito” com 19,8% (ou 17 pessoas) das respostas. Uma pessoa redigiu sua resposta, informando que “afetou, pois virei ovolactoveg [ou protoveg] durante ela” (imagem 23).

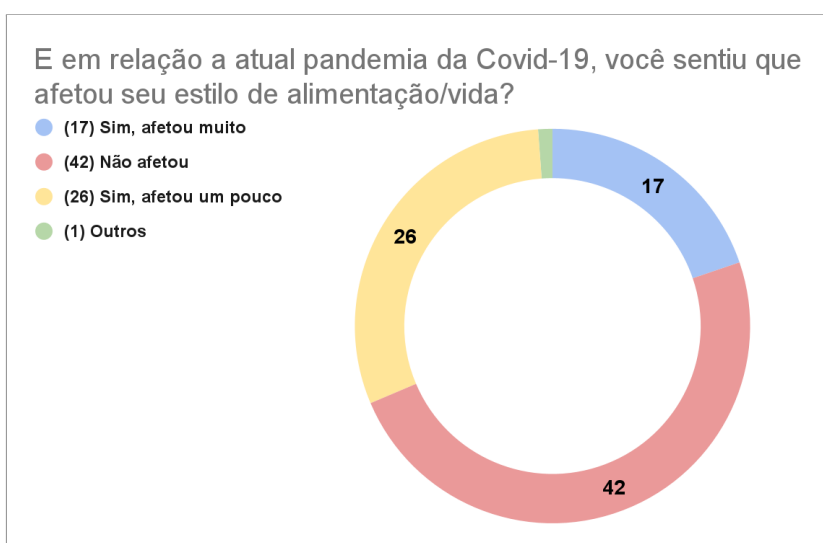


Imagem 23: gráfico correspondente aos dados obtidos em relação a atual pandemia da Covid-19 e o impacto na vida das/os (proto)veg(etari)anas/os.

Analisando algumas respostas qualitativas, ou seja, as redigidas pelos respondentes, três pessoas informaram que “não afetou”, mas através de suas respostas informaram aspectos positivos, ou seja, afetou, porém de forma positiva. De forma resumida, as respostas constam que facilitou em relação a alimentação, pois hoje preparam seus próprios alimentos em casa, priorizando o não consumo de ingredientes de origem animal. Duas respostas, dentre as “Sim, afetou muito”, e uma dentre as “Sim, afetou um pouco” foram em relação ao não consumo de carnes, o qual se intensificou com a pandemia, hoje se autodeclarando duas vegana, e outra protovegetariana. Outras respostas como “passei a pedir muito mais tele entrega”, “comecei a comer muito mais doces e bobagens [...], acredito que por conta da ansiedade”, “aprendi novas receitas e, desperdicei menos alimentos”, “minha alimentação ficou muito mais saudável” também foram relatados. Duas pessoas

relataram que voltaram a comer ingrediente de origem animal durante este período, um por conta da saúde mental e outra porque se mudou para uma cidade do interior a qual não possui oferta de alimentos sem estes ingredientes. Além disso, uma pessoa respondeu que “na pandemia aconteceram minhas poucas recaídas. Acho que foram mais por memória afetiva [...]”.

Além disso, segundo um estudo realizado por Kim *et al.* (2021) nos países da França, Alemanha, Itália, Espanha, Estados Unidos e Reino Unido, e que contou com 2.884 participantes (sendo 254 do grupo “plant based” e 294 do grupo “pescatarian”), pessoas com dieta à base de plantas (ou seja, que consomem a maior quantidade possível de legumes, vegetais e frutas frescas, e menor quantidade possível de industrializados) ou pescaterianas (ou seja, pessoas que possuem dieta similar das ovolactovegetarianas, porém, com consumo recorrente de peixes e pescados, excluindo demais carnes como de aves e rês), ao contraírem o vírus da Covid-19, têm 73% a menos de chance de desenvolverem quadros graves da doença. Dentre os participantes, houve 568 casos da doença, sendo que destes, 138 tiveram quadros de moderado a grave e 430 tiveram quadros de muito leve a leve.

5 O futuro do (proto)veg(etari)anismo

O agronegócio e toda sua monocultura são importantes para a indústria brasileira, seja na questão de produtividade, geração de empregos, exportação e, mesmo que pequeno, consumo interno. Tão importante que o país é um dos maiores exportadores de grãos, carnes e outros produtos, e que tem aumentado algumas destas exportações, como pode-se ver no documento do Ministério da Agricultura, pecuária e abastecimento (2021)³⁰:

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio brasileiro tiveram participação de 84,5% nas exportações totais de agosto de 2021. Esses cinco setores foram: complexo de soja (36,9% de participação); carnes (19,2% de participação); produtos florestais (11,5% de participação); cereais, farinhas e preparações (8,6% de participação); e complexo sucroalcooleiro (8,4% de participação). A participação desses setores foi 2,1 pontos percentuais superior aos 82,4% de participação que tiveram em agosto de 2020. Constata-se, dessa forma, um aumento da concentração

³⁰Texto sobre a “Balança comercial do agronegócio”: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-agronegocio-atingem-us-10-9-bilhoes-em-agosto/notaimpressabalanacomercialagosto2021.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

das exportações do agronegócio. Embora os vinte demais setores tenham perdido participação relativa no total das exportações, as vendas externas desses grupos cresceram, passando de US\$ 1,51 bilhão em agosto de 2020 para US\$ 1,69 bilhão em agosto de 2021 (+11,4%).

Além do setor do agronegócio, outros setores, desta vez também em uma escala mundial, estão cada vez mais em busca de alternativas à base de plantas (ou seja, principalmente produtos sem nenhum ingrediente de origem animal, pois é mais comum encontrar nas prateleiras opções sem carnes, mas com outros produtos de origem animal como leite e ovos, por exemplo) como marcas de leites vegetais, grandes redes de fast-food (as quais, em relação a outros países, as localizadas no Brasil ficam um pouco atrás no que diz respeito a lanches veganos), queijos a base de plantas, dentre outros. Porém, apesar de este ser um setor cada vez mais abarcado pelas mais diversas áreas, os produtos industrializados ainda são, em sua grande maioria, caros e financeiramente inacessíveis para a maior parte da população, desestimulando assim a adoção do estilo de dieta/vida, mesmo que haja um desejo pessoal para que isso ocorra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alimentação baseada em plantas (por vezes com a adição de alguns produtos de origem animal como ovos e leites) não é nenhuma novidade na humanidade. Alguns estudos indicam que essa forma de alimentação vem desde nossos antepassados hominídeos, passando por pressupostos de grandes religiões, principalmente orientais (as quais talvez possam ser consideradas as vozes mais fortes na disseminação desta filosofia), como o budismo, hinduísmo e os adventistas. Importantes pensadores como Pitágoras e, posteriormente, Rousseau influenciaram também na adoção desse estilo de vida, de modo que, já no século XX, há um aumento cada vez mais rápido e contínuo dos adeptos do (proto)veg(etari)anismo e suas mais diversas razões, até chegarmos nos dias atuais, onde as grandes indústrias (e até mesmo os pequenos estabelecimentos) visam um horizonte rico em consumidores de produtos vegetais e sua cada vez maior expansão, sem excluir seus interesses comerciais.

Este trabalho teve como principal objetivo compreender padrões de dietas e estilos de vida vegetarianos e veganos no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, a fim de compreender de que forma este grupo interage de forma social e econômica,

e se estes resultados estariam de acordo com as literaturas e autores abordados até então, para assim disponibilizar uma fonte de dados congruentes para pesquisas futuras na área, especificamente do estado abordado, o qual conta com poucos estudos já realizados sobre o tema. A pesquisa ocorreu a partir de, em um primeiro momento, um questionário *on-line* disponibilizado através do Google Forms, e após o encerramento do recebimento das respostas, foi realizada a análise dos dados obtidos e comparação com demais estudos e literaturas já existentes.

Além dos resultados obtidos através da pesquisa quantitativa e as concordâncias (ou não) com as(os) autoras(es) abordadas(os), foi possível compreender que, apesar da fama do estado do Rio Grande do Sul em relação ao churrasco e lidas campeiras (normalmente envolvendo algum/ns tipo/s de sofrimento animal), o estado não é o maior consumidor nacional de carnes, essencialmente a de rês, e possui uma parcela, mesmo que singela, cada vez mais significativa de pessoas vegetarianas (ovo/lacto vegetarianas, vegetarianas estritas, etc) e/ou veganas.

Para alcançar uma melhor compreensão do objetivo geral, citado no parágrafo anterior, foram definidos dois objetivos específicos, sendo o primeiro a leitura e filtragem dos resultados em relação aos estados de cada respondente (visto que, além do estado do Rio Grande do Sul, outros 10 estados brasileiros foram citados como resposta, porém, não são o foco principal de estudo deste trabalho), permitindo assim a compreensão do contexto atual deste grupo populacional. Esta forma de análise resultou em uma quantidade de respostas majoritariamente padronizada, de acordo com os estudos levantados a partir de outras fontes. O segundo objetivo específico, se deu em relação à análise e comparação das hipóteses e dos resultados obtidos com a literatura já existente sobre o tema, mesclando estas três fontes de informações com o intuito de, de fato, gerar e compreender quais são os padrões existentes ou não, sendo que esta parte do trabalho foi a mais densa e demorada, para que assim fosse possível uma análise completa.

Dessa forma, as hipóteses levantadas no início desta pesquisa, foram de certa forma comprovadas. Estas hipóteses foram: a maior adesão da dieta/estilo de vida por pessoas mais novas e, também, por mulheres. A primeira suposição foi, de certa forma, correta, visto que o grupo com uma maior quantidade de respondentes

foi o de idades entre 19 e 29 anos, tendo apenas os menores de 18 anos atrás (grupo este que obteve o menor número de respostas). A segunda hipótese foi também contemplada. Quase $\frac{3}{4}$ das respostas foi em relação às respondentes mulheres, as quais, segundo as literaturas abordadas inicialmente, possuem uma maior tendência em aderir a este movimento. Um ponto, não levantado como hipótese inicialmente mas que estava presente nas bibliografias utilizadas, seria a maior adesão deste estilo de alimentação/vida por pessoas de renda mais alta, porém, os resultados aqui obtidos mostraram uma maior popularidade da adesão por pessoas de renda familiar mais baixa (entre 1 e 3 salários mínimos, grupo que contemplou a maior porcentagem dos respondentes com 37,2% das respostas).

Estes dados estão interligados aos estudos relacionados à chamada História do Tempo Presente (HTP), na qual há a necessidade em se pensar de que maneira o tempo atual é construído, derrubando o paradigma de que devemos analisar apenas o passado e as pessoas deste tempo remoto, as quais não mais existem. Este tipo de análise, apesar de complexa, busca compreender o(s) acontecimento(s) e/ou dado(s) obtido(s) sem encerrar o debate e fornecendo conclusões provisórias, visto que ainda precisam acontecimentos a ocorrer relacionados ao tema, independente de qual seja.

A plataforma utilizada para a realização da pesquisa, apesar de gratuita, é bem completa e permite ao pesquisador realizar o download dos dados, bem como permite a visualização, sem necessidade de download (mas sem a possibilidade de filtragem) dos resultados em gráficos.

Por fim, como indicação para pesquisas futuras na área, independentemente de serem ou não no estado do Rio Grande do Sul, é interessante possuir o maior número de respostas possíveis, distribuindo convites para participação da pesquisa em diversos lugares, grupos de amigos, familiares e/ou grupos específicos do nicho a ser estudado e abordado, para que assim haja uma maior quantidade de informações, permitindo a/o pesquisador/a uma maior base de respostas e, conseqüentemente, uma maior base de respostas coerentes.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: Uma teoria feminista-vegetariana.** Tradução de Cristina Cupertino. Alaúde Editorial, São Paulo, 2018, ed. 2. ISBN: 978-85-7881-510-3.

Agrosaber. **Por que o Brasil planta tanta soja?** 13/01/2020. Disponível em: <https://agrosaber.com.br/por-que-o-brasil-planta-tanta-soja/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

ALBRECHT, Christian Freire. **Além da carne assada sobre brasas: os elementos da experiência de consumo do churrasco.** UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25155/000750883.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 nov. 2021.

ALLÈS, Benjamin; BAUDRY, Julia; MÉJEAN, Caroline; TOUVIER, Mathilde; PÉNEAU, Sandrine; HERCBERG, Serge; GUYOT, Emmanuelle Kesse. **Comparison of sociodemographic and nutritional characteristics between self-reported vegetarians, vegans, and meat-eaters from the NutriNet-Santé study.** Nutrients, Multidisciplinary Digital Publishing Institute (MDPI), v.9, n.9, 2017. Conteúdo online. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/nu9091023>. Acesso em: 23 set. 2021.

ANDRADE, Josefa Vanesso Salvino. **Dieta vegetariana: Riscos e benefícios à saúde.** Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/23940/1/ANDRADE%2C%20JOSEFA%20VANESSA.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

ARCO JÚNIOR, Mauro Dela Bandeira. **As dietas de Rousseau: o caso do Emílio.** Natal, Princípios: Revista de Filosofia. 2019. ISSN 1383-2109 versão online. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16300>. Acesso em: 13 set. 2021.

AZEVEDO, Elaine de. **Vegetarianismo.** Departamento de Ciências Sociais, UFES, ES, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/6609/5673>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BRAGA, Carlos; RAMOS, Renata. **Por um cardápio mais verde: de olho no crescimento do exército 'natureba' carioca, restaurantes criam pratos sem carne para atender essa crescente clientela.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 a 22 de maio de 2008. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&Pesq=vegetarianismo&pagfis=235561. Acesso em: 06 nov. 2021.

BRAGA, Isabel Drumond. **Em busca do novo Éden do século XX: os portugueses e a fundação das colônias naturistas no Brasil.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.3, jul.-set.. 2018, p. 659-678. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RgVCMBwGNWNzvWMwqKgV8nb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 nov. 2021.

CARVALHO, Rodrigo Clementino de; MOREIRA, Júnnia Maria. **Níveis de concordância com regras descritivas sobre comportamentos alimentares entre veg(etari)anos.** Psico-USF, Bragança Paulista, v.25, n. 3, pp. 533-545, 2020. ISSN: 2175-3563. Conteúdo online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/nC3xvMCWRB8td3myKHZ97sr/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2021.

CASTRO, César Nunes de. **Pesquisa agropecuária pública brasileira: histórico e perspectivas.** Boletim regional, urbano e ambiental, [s. l.], 2016. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7104/1/BRU_n15_Pesquisa.pdf. Acesso em: 07 nov. 2021.

CASTRO, Márcia Marques Marinho. **Com o coração na boca: Pitagorismo, vegetarianismo e interfaces com a ética animal.** UFF, PPGBIOS. Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7412/Marcia%20Castro%20Disserta%E7%E3o.pdf;jsessionid=B49D8F4F936BD4206ECD94BE74AF103C?sequence=1>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CAVALHEIRO, Calíli Alves; VERDU, Fabiane Cortez; AMARANTE, Juliana Maragoni. **Difusão do vegetarianismo e veganismo no brasil a partir de uma perspectiva de transnacionalização.** IFSC. Revista eletrônica Ciências da Administração e Turismo, v.6, n1, p. 51-67, Jan/Jul, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326347697_DIFUSAO_DO_VEGETARIANISMO_E_VEGANISMO_NO_BRASIL_A_PARTIR_DE_UMA_PERSPECTIVA_DE_TRANSNACIONALIZACAO. Acesso em: 04 nov. 2021.

DAVIS, John. **The origins of the vegans: 1944-46.** Disponível em: <https://vegsoc.org/wp-content/uploads/2019/03/Origins-of-the-vegans.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente e ensino de história.** Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013. [S l.]. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>. Acesso em: 13 nov. 2021.

DIAS, Paula Bandeira. **Em defesa do vegetarianismo: o lugar de Porfírio de Tiro na fundamentação ética da abstinência da carne dos animais.** Imprensa da Universidade de Coimbra, Portugal, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/300585256_Em_defesa_do_vegetarianism

[o_o_lugar_de_Porfirio_de_Tiro_na_fundamentacao_etica_da_abstinencia_da_carne_dos_animais](#). Acesso em: 04 nov. 2021.

DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia**. Tempo e argumento. v. 4, n.1, p. 5-22. Florianópolis, jan./jun 2012. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FABRES, Nicole Magluf Mittidiero Rosa. **Dieta vegetariana: razões e impactos na saúde**. Centro Universitário Laureate, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.ibmr.br/files/tcc/dieta-vegetariana-razoes-e-impactos-na-saude-nicole-m-m-r-fabres.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

FOLLMANN, José Ivo; SCARLATELLI, Cleide Cristina. **Lições milenares do oriente hinduísta para uma conduta ética na sociedade de hoje**. PUCSP, revista de estudos da religião, n. 4, p. 18-42, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2006/p_follmann.pdf. Acesso em: 06 nov. 2021.

FONSECA, Rui Pedro. **A construção de masculinidades através da ‘carne vermelha’**: dois casos de estudo na publicidade portuguesa. Revista Tropos, v. 6, n. 2, edição de dezembro de 2017. ISSN: 2358-212X. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/revista/index.php/tropos/article/view/1529>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A figura do gaúcho e a identidade cultural Latino-Americana**. Porto Alegre, RS. Ano XXVII, n. 2 (53), p. 263-281. Mai./Ago. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277220883_A_Figura_do_Gaúcho_e_a_Identidade_Cultural_Latino-Americana. Acesso em: 09 nov. 2021.

FUNES, Eurípedes Antonio; RIOS, Kenia Sousa. **História ambiental: desafio do tempo presente**. In: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves (org.). Coleção história do tempo presente: volume I. Boa Vista, Editora da UFRR, 2019. ISBN> 978-85-8288-209-2. Disponível em: <https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=416>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GOMES, Teresa de Jesus Lopes. **Alimentação vegetariana**. Universidade do Porto, 1997. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/64252/4/67537_97-29T_TL_01_P.pdf. Acesso em: 04 nov. 2021.

Governo do Brasil. **Brasil participa da COP26, conferência para discutir meio ambiente e clima**. Delegação brasileira vai buscar consensos em questões ambientais e mostrar ações de preservação. [S l.], 01 nov. 2021. Disponível em:

<https://www.gov.br/pt-br/noticias/meio-ambiente-e-clima/2021/10/brasil-participa-da-cop26-conferencia-para-discutir-meio-ambiente-e-clima>. Acesso em: 11 nov. 2021.

_____. **Comércio exterior:** Exportações brasileiras batem recordes em julho e no acumulado do ano. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/08/exportacoes-brasileiras-batem-recordes-em-julho-e-no-acumulado-do-ano>. Acesso em: 07 nov. 2021.

IBOPE Inteligência. **Pesquisa de opinião pública sobre vegetarianismo.** Brasil, 2018. Versão online. Disponível em: https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.

JUNGES, Alexandre Luis; SANTOS, Vinícius Yuri; MASSONI, Neusa Teresinha; SANTOS, Francineide Amorim Costa. **Efeito estufa e aquecimento global:** uma abordagem conceitual a partir da física para educação básica. Experiências em ensino de ciências, v. 13, n. 5, 2018. Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID531/v13_n5_a2018.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

KAC, Gilberto; SICHIERI, Rosely; GIGANTE, Denise Petruucci; orgs. **Epidemiologia nutricional.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Atheneu, 2007. ISBN: 978-85-7541-320-3. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/rw5w/pdf/kac-9788575413203.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2021.

KIM, Hyunju; REBHOLZ, Casey M.; HEGDE, Sheila; LAFIURA, Christine; RAGHAVAN, Madhunika; LLOYD, John F.; CHENG, Susan; SEIDELMANN, Sara B. **Plant-based diets, pescatarian diets and COVID-19 severity:** a population-based case-control study in six countries. BMJ Nutrition, Prevention & Health, 2021; 0. doi: 10.1136/bmjnp-2021-000272. Disponível em: <https://nutrition.bmj.com/content/bmjnp/early/2021/05/18/bmjnp-2021-000272.full.pdf>. Acesso em: 24/12/2021.

KÖHLER, Bruna; DONEDA, Divair. **Vegetarianismo:** saúde e filosofia de vida. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, FAMED, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/210653/001115571.pdf?sequence=1>. Acesso em: 06 nov. 2021.

LONDERO, Debora Santos. **“Você é aquilo que você come”:** O veganismo enquanto estilo de vida e ativismo político. UFSM, Santa Maria, 2019. Versão online. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18916/DIS_PPGCS_2019_LONDERO_DEBORA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 set. 2021.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido.** In: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves (org.). Coleção história do tempo presente: volume I. Boa Vista, Editora da UFRR, 2019. ISBN> 978-85-8288-209-2. Disponível em: <https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=416>. Acesso em: 13 nov. 2021.

LUVIZZOTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia.** São Paulo, editora Cultura Acadêmica, 2010. ISBN: 978-85-7983-088-4. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/365320.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

MACHADO, Gabriel Costeira. **Agronegócio brasileiro: importância e complexidade do setor.** CEPEA-USP, 2021. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opiniao-cepea/agronegocio-brasileiro-importancia-e-complexidade-do-setor.aspx>. Acesso em: 07 nov. 2021.

MAGALHÃES, Márcia Pimentel. OLIVEIRA, José Carlos de. **Veganismo: aspectos históricos.** Scientiarum Historia XII, UFRJ, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/68/92>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MAIA, Gabriel; GOMES, Lucas. **O que é efeito estufa.** E qual sua relação com a mudança climática. Nexo jornal, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2021/11/11/O-que-%C3%A9-efeito-estufa.-E-qual-sua-rela%C3%A7%C3%A3o-com-a-mudan%C3%A7a-clim%C3%A1tica>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Mapa Veg. **Censo Vegetariano e Vegano Brasileiro: Estatísticas.** c2012 [S.l.]. Disponível em: <https://www.mapaveg.com.br/censo/estatisticas#>. Acesso em: 13 set. 2021.

MARTÍ, Rafael. **Nem só de alface vive o vegetariano:** Congresso mundial debaterá a alimentação e a filosofia de quem dispensa carnes. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 2004. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pesq=vegetarianismo&pasta=ano%20200&hf=memoria.bn.br&pagfis=120555. Acesso em: 06 nov. 2021.

MELLA, Federico A. Arborio. **O Egito dos faraós: história, civilização, cultura.** Ed. Hemus, 1987.

MELO, Jonathan, Dalla Rosa; CRUZ, Francieli Borchart da Cruz; BOHNENBERGER, Gustavo Wohlfahrt. **O tradicionalismo gaúcho e a masculinidade enquanto construções identitárias.** 3º Encontro missionário de estudos interdisciplinares em cultura, Santo ângelo/RS. v.3, 2017. ISSN: 2447-8865. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2018/06/O-TRADICIONALISMO-GA%C3%9ACHO-E-A-MASCULINIDADE-ENQUANTO-CONSTRU%C3%87%C3%9>

[5ES-IDENTIT%C3%81RIAS.pdf](#). Acesso em: 09 nov. 2021.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. **O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236-253. Set./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308192016236>. Acesso em: 25 dez. 2021.

Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento. **Balança comercial do agronegócio**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-agronegocio-atualem-us-10-9-bilhoes-em-agosto/notaimpressabalanacomercialagosto2021.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

NEVES, Walter, A. **E no princípio... era o macaco!** Estudos avançados, [S. l], v. 20, n. 58, p. 249-285, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10193>. Acesso em: 04 nov. 2021.

O PIONEIRO, jornal. **ALIMENTAÇÃO**: Um pesadelo para o futuro. Caxias do Sul, 17 de setembro de 1980. P. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=Vegetarianismo&pagfis=45141>. Acesso em: 09 set. 2021.

OLIVEIRA, Loraine. **Justificativas para o Vegetarianismo em Porfirio de Tiro**. Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340296079>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. UFRS, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3707>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PEDERSEN, Marina. **Heteronormatividade e homofobia na propaganda de uma hamburgueria**. UNESP, FFC. Crítica Histórica, ano XI, n. 22, 2020. ISSN: 2177-9961. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11223/pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

PETA. **All about PETA**. [S.l.], c2021. Disponível em: <https://www.peta.org/about-peta/learn-about-peta/>. Acesso em: 06 nov 2021.

PFEILER, Tamara M.; EGLOFF, Boris. **Examining the “veggie” personality**: results from a representative german sample. Appetite, Germany, v. 120, pp. 246-255, 2018. ISSN: 0195-6663. Conteúdo online. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2017.09.005>. Acesso em: 21 maio 2021.

POPPE, Jean Lucas; SCALCÃO, Marana Pivoto; REIS, Mariane Kucera; RODRIGUES, Vivian Depoi. **O consumo de carne vermelha pela população gaúcha**. EMIcult, Uri, São Luiz Gonzaga, 2016. ISSN: 2447-8865. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/10/O-CONSUMO-DE-CARNE-VERMELHA-PELA-POPULA%C3%87%C3%83O-GA%C3%9ACHA-2.pdf>.

Acesso em: 07 nov. 2021.

ROLA, Catarina. **Vegetarianismo e comportamento alimentar:** Comportamentos Alimentares Disfuncionais e Hábitos Alimentares em Dietas Vegetarianas. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27280/1/11253_Tese.pdf. Acesso em: 06 nov. 2021.

RONCON, Natalia. **A importância do setor agrícola para a economia brasileira.** FEMA, Assis, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0811260631.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

ROSA, Leda. **Verdes radicais representam risco para os negócios:** estudo da Ernst & Young mostra que o veganismo está entre os 10 maiores problemas que afetam as vendas de um produto. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1º de junho de 2008. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&Pesq=vegetarianismo&pagfis=236930. Acesso em: 06 de nov. 2021.

ROSENFELD, Daniel L.; BURROW, Anthony L. **The unified model of vegetarian identity:** a conceptual framework for understanding plant-based food choices. Cornell University, Appetite. 2017. Versão online. ISSN: 0195-6663. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312544677_The_unified_model_of_vegetarian_identity_A_conceptual_framework_for_understanding_plant-based_food_choices. Acesso em: 21 maio 2021.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. **Entre lidas:** Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro nas cidades de Bagé e Pelotas/RS. Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), UFPEL, Pelotas, 2014. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgant/files/2016/10/SILVA_LBM.pdf. Acesso em: 09 nov. 2021.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil.** [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>. Acesso em: 16 set. 2021.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Moreira de Almeida; MOLINA, Maria del Carmen Bisi; FLOR, Denise Sorio; ZANDONADE; Eliana; MILL, José Geraldo. **Estado nutricional e estilo de vida em vegetarianos e onívoros** - Grande Vitória - ES. Revista Brasileira de Epidemiologia, 9(1), p. 131-43, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/BgCYpV3ZwYpfQ4x5CdkSmtQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021.

TELES, Kátia Inês; BELO, Lucas Lima Andrade; SILVA, Hesley Machado. **Efeitos da alimentação na evolução humana:** uma revisão. Minas Gerais: Conexão Ci. 2017. ISSN: 1980-7058 versão online. Disponível em: <https://periodicos.uniformg.edu.br:21011/ojs/index.php/conexaociencia/issue/view/53>.

Acesso em: 13 set. 2021.

Vegconomist. **Conscious stockpiling:** Sales of oat milk & plant-based meats skyrocket in the US. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://vegconomist.com/market-and-trends/conscious-stockpiling-sales-of-oat-milk-plant-based-meats-skyrocket-in-the-us/>. Acesso em: 07 nov. 2021.